



ESCOLA MINISTERIAL ANTIOQUIA

LINCOLN ALMEIDA RODRIGUES

**A ERA SECULAR E O EVANGELHO: O DESENVOLVIMENTO DE UMA IGREJA
MISSIONAL NA PÓS-MODERNIDADE**

ARAÇARIGUAMA

2025

ESCOLA MINISTERIAL ANTIOQUIA

LINCOLN ALMEIDA RODRIGUES

**A ERA SECULAR E O EVANGELHO: O DESENVOLVIMENTO DE UMA IGREJA
MISSIONAL NA PÓS-MODERNIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada a Escola Ministerial Antioquia como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Artium*, M.A, na área de Teologia Missional.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennan Farias de Brito

ARAÇARIGUAMA

2025

RODRIGUES, Lincoln Almeida

A Era Secular e o Evangelho: o desenvolvimento de uma igreja missional na pós-modernidade / RODRIGUES, Lincoln Almeida; Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennan Farias de Brito. - Araçariguama: [s.n.], 2025.

70 f.

Dissertação de Mestrado – Mestrado em Teologia Missional, Escola Ministerial Antioquia – Araçariguama, 2025.

1. Igreja Missional
2. Evangelho
3. Mundo
4. Pós-modernidade
5. Cultura

LINCOLN ALMEIDA RODRIGUES

**A ERA SECULAR E O EVANGELHO: O DESENVOLVIMENTO DE UMA IGREJA
MISSIONAL NA PÓS-MODERNIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada a Escola Ministerial Antioquia como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Artium*, M.A, na área de Teologia Missional.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennan Farias de Brito

Aprovada em: ____/____/____

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennan Farias de Brito

AGRADECIMENTOS

Não poderia iniciar meus agradecimentos sem expressar a minha gratidão ao Senhor por sua graça transformadora em minha vida. Nele, reside o sentido da existência e a alegria da alma. Eu te amo, Deus! Obrigado por tudo o que fez, faz e ainda fará em minha vida. Tu és bom e fiel. A ti, toda glória!

A minha amada esposa Pâmela e a minha filha Luíza. A bondade do Senhor sobre mim se manifesta, principalmente, através de vocês. Nossa família é maravilhosa e eu as amo muito. O maior privilégio que tenho, depois de ser alcançado e transformado por Jesus, é viver com vocês todos os dias e desfrutar desse amor incrível. Amo nossa vida e as histórias que estamos escrevendo juntos!

Quero agradecer a Igreja de Deus da Profecia no Brasil, comunidade de fé a qual pertencço e que, desde 2022, tenho o privilégio de pastorear na cidade de Itaguaí-RJ. Agradeço a cada um dos meus amados irmãos, que me ensinam e me inspiram diariamente, e pelo investimento do presbitério nacional em minha vida no reconhecimento do meu chamado pastoral e acadêmico para edificação da Igreja.

Sou grato também ao Núcleo de Estudos Fé Inteligente – NEFI, uma ideia que me ocorreu em 2021 e, após convidar alguns amigos para fazer parte, transformou-se em uma comunidade dialogal cristã que tem crescido, para a glória de Deus, a partir de uma fé que pensa e de uma razão que crê.

Não poderia, também, deixar de expressar minha gratidão a Escola Ministerial Antioquia, por ter me dado a possibilidade de realizar meu Mestrado concedendo-me uma bolsa parcial que tornou viável meus estudos. Agradeço especialmente: aos meus colegas de turma, pois em cada aula que tivemos juntos aprendi muito com eles; a Cássia Coutinho, Coordenadora Acadêmica da Escola Antioquia e que sempre me tratou de forma solícita e com muito carinho e atenção; e, principalmente, ao Coordenador do curso de Mestrado em Teologia Missional e meu orientador Dr. Paulo Rennan Farias de Brito, que se tornou meu irmão, meu amigo e que o Senhor me brindou com a possibilidade de caminharmos juntos. Rennan, amo sua vida, meu irmão! Obrigado por tudo o que fez por mim: por cada palavra, cada conversa, oração, conselhos. Vejo Jesus em sua vida. Você me inspira!

Agradeço, por fim, a todos os demais professores do Mestrado que fizeram parte da minha jornada até aqui – em especial o Dr. Michael Goheen, que nos inspirou em cada aula que lecionou – por contribuírem para a minha formação.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar como é possível construir uma comunidade missional em uma era secular e pós-moderna. Para isso, partimos de uma análise interdisciplinar visando a compreensão desse cenário que se revela desafiador e, ao mesmo tempo, oferece uma grande oportunidade para a Igreja. De fato, a pós-cristandade exerceu uma grande influência sobre a cultura e a sociedade Ocidental, e a religião não escapou dessa afetação. Por essa razão, apresentamos no primeiro capítulo as bases teóricas que nos permitem compreender a secularização e a pós-modernidade e o surgimento de novas expressões de espiritualidade. Essa situação conduziu a Igreja, a partir do séc. XX, a uma profunda reflexão e a rever o modo como entendia sua natureza missionária. Logo, o segundo capítulo deste trabalho destaca a missão e a natureza missionária da Igreja, descrevendo as características que compõem uma Igreja Missional e a fundamentação bíblico-teológica da missão. Por fim, destacamos no último capítulo a necessidade de um encontro missionário com a cultura e com o coração do homem da modernidade tardia, bem como os principais desafios a serem enfrentados pela Igreja no séc. XXI, e apresentamos algumas propostas que poderão ajuda-la em seu engajamento missionário no mundo.

Palavras chaves: Igreja Missional – Evangelho – Mundo – Pós-Modernidade – Cultura

ABSTRACT

This work aims to present how it is possible to build a missional community in a secular and postmodern era. To this end, we begin with an interdisciplinary analysis aimed at understanding this scenario, which simultaneously proves challenging and offers a great opportunity for the Church. Indeed, post-Christianity has exerted a great influence on Western culture and society, and religion has not escaped this impact. Therefore, in the first chapter, we present the theoretical foundations that allow us to understand secularization and postmodernity and the emergence of new expressions of spirituality. This situation led the Church, from the 20th century onward, to profound reflection and to reconsider how it understood its missionary nature. Therefore, the second chapter of this work highlights the mission and missionary nature of the Church, describing the characteristics that comprise a Missional Church and the biblical-theological foundation of mission. Finally, in the last chapter, we highlight the need for a missionary encounter with the culture and heart of late modern man, as well as the main challenges to be faced by the Church in the 21st century, and we present some proposals that can help it in its missionary engagement in the world.

Key Words: Missional Church - Gospel – World – Post-Modernity – Culture

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS	11
1.1 Compreendendo a Era Secular	11
1.1.1 Definições e características da secularização	11
1.1.2 Perspectivas históricas, filosóficas e sociológicas	13
1.2 A Pós-Modernidade	16
1.2.1 Definição e principais características	16
1.2.2 Impacto na concepção de identidade, na sociedade e na cultura	18
1.3 A Transformação da Religião na Sociedade Secular	21
1.3.1 Declínio da religiosidade institucionalizada	21
1.3.2 Novas Formas de Espiritualidade	23
2. A IGREJA NA ERA SECULAR: TEOLOGIA E ECLESIOLOGIA MISSIONAL ..	25
2.1 Origem e desenvolvimento do conceito	25
2.2 Características de uma Igreja Missional	31
2.3 Fundamentação bíblico-teológica da missão	39
3. A MISSÃO DA IGREJA NA PÓS-MODERNIDADE: DESAFIOS CULTURAIS E PRÁTICAS MISSIONAIS	44
3.1 Encontro missional com a cultura pós-moderna	44
3.2 Estrutura e dinâmica de uma Igreja Missional	46
3.3 Comunicação do Evangelho na era digital	48
3.4 Engajamento cultural e social	53
3.5 Desafios culturais e práticas missionais	57
CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

INTRODUÇÃO

Em qual prateleira da vida a espiritualidade se encontra no mundo moderno? Se antes a religião norteava toda a dinâmica da sociedade, agora estamos na era chamada pós-cristandade, onde ela não exerce mais influência na vida das pessoas – tanto no âmbito público como no âmbito privado –.

E o que aconteceu para chegarmos a esse ponto? Como a Igreja deixou isso acontecer? Há algo que a Igreja pode fazer no cenário atual? O presente trabalho pretende responder a essas perguntas. No entanto, aqui já podemos adiantar que a resposta para tais perguntas se dá a partir da compreensão de uma palavra-chave que norteia esta pesquisa: Missão!

Missão é o núcleo central das Escrituras Sagradas, afinal, nosso Deus é missionário que põe em ação seu plano para redimir e restaurar a criação e a humanidade afetados pelos efeitos do pecado e nos convida a sermos parte do seu povo e participarmos dessa missão maravilhosa.

Desprezar o aspecto missional da Palavra de Deus é afastar-se da sua origem, da sua essência, do que fez – e continua fazendo – o povo de Deus crescer ao longo da história, do seu chamado de abençoar outros. Contudo, durante um bom período, a Igreja esqueceu-se do seu chamado missional, e hoje colhemos os frutos desse esquecimento e a Igreja, agora, se vê diante de um cenário desafiador.

O objetivo desse trabalho consiste em apresentar como podemos construir uma comunidade missional nos dias atuais, considerando o contexto secular e pós-moderno em que estamos inseridos; sendo bíblica, saudável e relevante ao mundo.

A busca por essa resposta envolveu um diálogo interdisciplinar entre a teologia, a filosofia e a sociologia; a fim de entender o momento em que estamos e apresentarmos algumas alternativas para um engajamento missional eficaz.

No primeiro capítulo, demonstramos os fundamentos teóricos da secularização e da pós-modernidade a partir de suas definições conceituais e características básicas. Trabalhamos, também, suas perspectivas históricas, filosóficas e teológicas; além do impacto que causaram na sociedade e na cultura e, principalmente, a religião – onde concentramos o foco destes impactos –.

O capítulo segundo, trabalhamos a ideia de Igreja Missional. Inicialmente, apresentamos o conceito de Missão e de Igreja Missional, trazendo o resgate da natureza missionária da Igreja no séc. XX e as novas perspectivas acerca da Missão e de sua abrangência, e destacamos a fundamentação bíblico-teológica da missão e como ela perpassa toda a Escritura.

No último capítulo, discorremos sobre o engajamento sociocultural da Igreja Missional ao capacitar seus membros para exercerem sua missionalidade a partir de suas vocações, por entender a abrangência da missão envolve o evangelho com todos as esferas da vida e da sociedade.

Mostramos, também, a estrutura e a dinâmica de uma Igreja Missional, bem como as razões pelas quais ela deve realizar um encontro missionário com a cultura pós-cristã. Demonstramos, ainda, que a era digital deve ser utilizada pela Igreja como uma ferramenta para evangelização e para a consolidação de ambientes formativos da Igreja – em especial, o discipulado –.

Ao final, apresentamos alguns desafios que a Igreja encontrará em seu engajamento missionário – tais como: a crise da narração em razão das *storytellings*, o wokismo e a ascensão do self – e, na sequência, propõe algumas alternativas para a superá-los: o resgate pedagógico da narrativa para comunicar o Evangelho aos corações carentes de sentido envolvido de uma dinâmica de Evangelismo que leva em consideração a pós-cristandade e trabalha a partir de alguns pilares como: a construção de relacionamentos, identificação das cosmovisões, catequese e contracatequese cultural.

Por fim, na conclusão, enfatizamos que não existe Igreja sem Missão, pois a natureza missionária da Igreja é sua razão de ser e existir. Do contrário, ela perde seu sabor e deixa de brilhar ao abandonar seu DNA missional, e já não é capaz de ser o povo que aponta para a restauração de todas as coisas. A Igreja Missional entende que o seu chamado missionário é exercido no mundo, e não na própria Igreja.

O mundo é o grande campo missionário, e a Igreja Missional está comprometida a se lançar em todos os lugares, nos grupos mais diversos e setores variados, apresentando-se como o povo da fé, do amor e da esperança, e com a mensagem de um Evangelho holístico para um mundo ainda em desordem

1. OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1 Compreendendo a Era Secular

1.1.1 Definições e características da Secularização

Inicialmente, podemos entender a secularização como sendo a perda da relevância e influência da religião no espaço público e, também, na esfera privada.

Contudo, o entendimento de sua conceituação não torna prescindível à análise das suas dimensões que, juntas, possibilitam compreendê-la adequadamente e percebê-la na sociedade ocidental contemporânea.

Em sua clássica obra *Uma Era Secular*, o filósofo Charles Taylor apresenta a secularidade em três dimensões: i) o esvaziamento de Deus ou de qualquer realidade última dos espaços públicos; ii) o abandono da crença e práxis, da igreja e de Deus a partir da laicidade; iii) a crença em Deus (que antes era incontestável) agora passa a ser apenas mais uma opção entre tantas outras (Taylor, 2007).

Com relação ao primeiro aspecto, se antes era impossível imaginar o domínio de Deus sendo ignorado em todas as dimensões da vida, agora é possível interagir no espaço público sem fazer qualquer vinculação a Deus, agindo apenas com base em nossa racionalidade (Taylor, 2007).

Sobre isso, Taylor argumenta:

Uma compreensão de secularidade, então, é em termos de espaços públicos. Estes foram supostamente esvaziados de Deus, ou de qualquer referência à realidade última. Ou visto de outro lado, como funcionamos em várias esferas de atividade – econômica, política, cultural, educacional, profissional, recreativa – as normas e princípios que seguimos, as deliberações em que nos envolvemos, geralmente não nos remetem a Deus ou a quaisquer crenças religiosas; as considerações sobre as quais agimos são internas à “racionalidade” de cada esfera. (Taylor, p. 2, 2007).

Em outras palavras, se a referência de Deus influenciava todas as ações desenvolvidas na esfera pública agora não mais, sendo substituída pela aplicação exclusiva da autonomia da razão em cada área da sociedade fazendo com que a religião fosse relegada tão somente a esfera privada e houvesse uma

visão não integral acerca da fé cristã, o que é facilmente percebido a partir da distinção dualista realizada entre o “sagrado” e o “secular”.

Citado por Harvey Cox, o teólogo holandês C. A. van Peursen afirma que a secularização diz respeito a libertação humana “*primeiro do controle religioso, e depois do metafísico sobre sua razão e sua linguagem*” *(Van Peursen apud Cox, 1968, p. 23-24).

Outro aspecto destacado por Taylor diz respeito a laicidade como um dos fatores responsáveis pela ascensão do secularismo, visto que diversos países – principalmente os da Europa Ocidental – tornaram-se seculares mesmo mantendo referências públicas a Deus no espaço público. A avaliação da laicidade, aqui, se configura, portanto, nas condições de uma procura e vivência espiritual em uma determinada época ou sociedade. A secularidade, nesse sentido, é entendida como o enfraquecimento da crença e da prática religiosa (Taylor, 2007).

Contudo, o terceiro aspecto é que merece o maior destaque e análise. Se antes a crença na fé cristã era praticamente absoluta no Ocidente, agora ela passa a ser mais uma opção concorrendo com diversas outras crenças e, ao se colocar diante das pessoas, se depara com a seguinte pergunta: “Como o cristianismo arroga para si ser a religião/fé verdadeira?”. Aliás, em uma época marcada pela intolerância, o cristianismo tem enfrentado vários desafios na afirmação de suas crenças, sobretudo no debate público onde seu discurso, muitas vezes, tem sido “interpretado” como sendo intolerante, dominador, opressivo, obsoleto – se comparado com a ciência - e preconceituoso.

Sobre isso, Rebecca McLaughlin destaca:

Aos nossos ouvidos contemporâneos, é simplesmente anátema a ideia de uma religião que reivindica ser a verdade. A maioria das afirmações religiosas pode contar apenas com o benefício da dúvida (pelo menos até a pessoa morrer ou o mundo acabar), de modo que a ideia de que elas podem ser objetivas e universais parece uma confusão entre categorias. Uma coisa é dizer que o cristianismo é verdadeiro para você, mas alegar que Jesus, corretamente, exige obediência de todo ser humano – independentemente de seu histórico cultural ou das crenças atuais – soa ofensivo e absurdo. É como diz um adesivo de para-choque: “*Meu Deus é grande demais para qualquer religião*”. (McLaughlin, p. 71, 2024).

Sustentar a fé, hoje, revela-se ser mais difícil na medida que vivemos em uma sociedade pluralista e, nela, além das várias narrativas existentes, há ainda

várias religiões fazendo afirmações concorrentes sobre a realidade. Portanto, a tarefa de levar as pessoas a conhecer a VERDADE e serem convencidas é um ato de amor, principalmente em um mundo hostil ao cristianismo (McLaughlin, 2024).

O que se percebe é que Deus deixa de ser uma certeza natural e inquestionável e passa a ser uma opção entre as outras (Taylor, 2007).

Em resumo, a secularização consiste no esvaziamento da religião do espaço público no Ocidente, em uma tentativa de ignorar a sua influência cultural e social no desenvolvimento da humanidade ao longo da história e de não dar voz as contribuições que esta pode dar acerca das grandes questões contemporâneas.

Logo, a secularização nos obriga a repensar a evangelização em um mundo onde a fé cristã não é mais óbvia, nem dominante. Pelo contrário, ela passou a ser contestada e coexistir juntamente com outras metanarrativas que também afirmam ser verdadeiras.

1.1.2 Perspectivas históricas, filosóficas e sociológicas

As raízes do que hoje entendemos como secularização se originam no Iluminismo, onde o homem passa a conceber uma nova forma de enxergar o seu papel no mundo e se relacionar com a religião (Oliveira, 2023).

O Iluminismo foi um movimento do século XVIII que teve como objetivo substituir a fé cristã por um novo tipo de fé: a fé no progresso como luz do mundo. Essa nova “fé” era personificada a partir de quatro áreas: a) fé no progresso, b) fé na razão, c) fé na tecnologia e d) fé em um mundo social racionalmente ordenado (Goheen; Bartholomew, 2016).

Do ponto de vista do progresso, o principal meio para se buscar a felicidade na modernidade estava na economia, pois a prosperidade de todos levaria a sociedade a ordenar-se de modo a possibilitar a todos uma vida boa na terra (Goheen; Bartholomew, 2016).

Partindo da perspectiva da razão, havia o entendimento de que o homem poderia aperfeiçoar-se e viver bem a luz do desenvolvimento científico e da razão. Consequentemente, havia também a crença de que a tecnologia seria capaz de explorar a natureza – a criação não humana - em favor de toda

humanidade e converter isso em facilidades benéficas a todos, trazendo uma autonomia ainda maior ao indivíduo (Goheen; Bartholomew, 2016).

Assim, de acordo com a fé no mundo social racionalmente ordenador, a sociedade poderia se organizar por si mesma, não havendo a necessidade de passar pelo crivo da religião para nortear suas transformações, reduzindo o papel da religião a esfera privada, onde atuaria como uma espécie de capelania cultural (Goheen; Bartholomew, 2016).

Renato Almeida de Oliveira resume a ideia central do Iluminismo:

A ideia fundamental do iluminismo era a de que a vida humana deveria assentar-se nas luzes da razão, ou seja, que a razão, e todas as suas prerrogativas, fosse a legitimadora de todas as ações e pensamentos humanos. Nenhum ser extramundano, fora da realidade humana, deveria ditar, heteronomamente, o modo como os indivíduos deveriam agir, mas apenas a sua razão autônoma. (Oliveira, p. 110, 2023)

Isso acabou afetando a consciência religiosa mundial, e isso reverberou na vida política e social. Se antes a cultura europeia estava intrinsecamente ligada a cultura judaico-cristã, o espírito racionalista acabava por ecoar o discurso de que o avanço científico impossibilitava a manutenção de crenças, valores e dogmas baseados na religião. Afinal, o que não passava pelo crivo da razão, não poderia ser aceito (Oliveira, 2023).

O resultado disso é o conhecimento e o avanço social cuja validade repousa no fato de algo poder ser ou não provado empiricamente, não deixando margem para concepção da ideia de mediação de Deus como saber primeiro para, então, se chegar ao resultado de alguma coisa no mundo concreto (Oliveira, 2023).

O dogmatismo religioso era interpretado como uma espécie de aprisionamento do homem, mantendo-o em uma posição de limitação, ao passo que a razão libertava o homem dos grilhões da religião e levava-o a uma espécie de “maioridade”, onde então poderia desenvolver-se de maneira plena e autônoma (Oliveira, 2023).

Por fim, o mais interessante em toda análise acerca dos pressupostos históricos e filosóficos da secularização, é que se voltarmos nosso olhar para a metanarrativa bíblica, veremos que foi exatamente a possibilidade de excluir Deus como referência do processo epistemológico que fez com que Eva e Adão

alimentassem esse desejo em seus corações e que os levou a escolha de comerem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal.

O sociólogo Peter Berger, no entanto, traz um contraponto interessante sobre a temática da secularização. Segundo ele, não faz sentido se falar em secularização, visto que o mundo é tão religioso como antes e, em alguns lugares, a religião passou a ocupar um espaço e uma dimensão ainda maior (Berger, 2001).

Berger explica que:

Algumas instituições religiosas perderam poder e influência em muitas sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes explosões de fervor religioso. (Berger, p. 10, 2001)

Um exemplo disso é o crescimento do Islamismo. No início do século XX, o Islã representava 12,4% da população mundial; já no final do mesmo século, esse percentual aumentou para 19,6% - um crescimento bastante significativo em menos de cem anos, que merece ser considerado (Goheen; Bartholomew, 2016).

A propósito, a ascensão do Islã pode ser uma oportunidade ao cristianismo para obter uma perspectiva mais adequada acerca do fenômeno da secularização e encarar os desafios que se apresentam para o presente e para o futuro da igreja (Goheen e Bartholomew, 2016).

Outro exemplo que merece ser destacado é o crescimento do Cristianismo. Embora não se negue a incidência dos efeitos da secularização na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, o cristianismo tem crescido no sul global e também no Oriente através das igrejas pentecostais, carismáticas e independentes; e não são afetadas pelo secularismo moderno nestes lugares. Pelo contrário! Elas reagem contra a rendição do evangelho a secularização.

Fato é que, enquanto a modernidade solapa as velhas certezas com as quais as pessoas conviveram ao longo da história, a religião assegura ou renova a certeza e, por isso, o discurso religioso tem um apelo seguro em contraposição a incerteza moderna (Berger, 2001).

1.2 A Pós-Modernidade

1.2.1 Definição e principais características

A modernidade prometia que o avanço científico-tecnológico e a autonomia da razão fariam com que a sociedade se autorregulasse visando o desenvolvimento e o bem estar de todos na construção de um mundo melhor e, assim, conseguisse resolver todos os problemas existentes – cuja origem se dá no Iluminismo como vimos na seção anterior -. Entretanto, as duas grandes guerras mundiais do século XX destruíram a esperança da modernidade que, agora, se vê em xeque pela pós-modernidade.

A pós-modernidade tem como sua grande marca descredibilizar as metanarrativas sob o argumento de que estas não passam de meros discursos linguísticos e, logo, não podem servir como referência para nortear o modo como a humanidade compreende e interage com a realidade.

Sobre isso, Gianni Vattimo assevera sobre o “fim” das metanarrativas:

Se não há, porém, uma história unitária, importante, mas apenas as diversas histórias, os diversos níveis e modos de reconstrução do passado na consciência e no imaginário coletivo, é difícil ver até que ponto a dissolução da história como disseminação das “histórias” não é também um verdadeiro fim da história como tal; de um curso unitário de eventos, o qual também, suprimida a unidade do discurso que dele falava, perde toda e qualquer consistência reconhecível (Vattimo, 1996, p. 15).

Nesse sentido, um dos grandes expoentes da pós-modernidade, o filósofo Jean-François Lyotard, destaca em sua obra *A condição pós-moderna* a perda de força da função narrativa:

A função narrativa perde seus atores (functeurs), os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas *sui generis*. (Lyotard, 2009, p. xvi)

Às críticas a modernidade começaram na década de 30, mas tornaram-se mais intensas a partir da década de 70, quando os filósofos importaram da literatura a teoria do desconstrucionismo, onde o significado do que aquilo que

está escrito é atribuído pelo leitor e não pelo texto em si. Ao trazer isso para a filosofia, os desconstrucionistas defendem que cada pessoa faz a sua própria leitura acerca da realidade; não havendo, portanto, um único significado para as coisas, tornando-se impossível alcançar a verdade acerca de alguma coisa (Grenz, 1997).

Derrida, por exemplo, defende que *“tudo o que emerge no processo de conhecimento é a perspectiva do eu que interpreta a realidade”*, ou seja, aquilo que conhecemos, na verdade, é tão somente uma perspectiva que imprimimos sobre o que se observa, não havendo nenhuma concretude (Grenz, 1997, p. 23).

Já Foucault afirma que *“o conhecimento é sempre o resultado do uso do poder”* e, por conseguinte, *“nomear algo significa exercer poder e, portanto, fazer violência ao que é nomeado”*. Em outras palavras, qualquer afirmação de conhecimento que se faz sobre alguma coisa é um ato de poder que violenta aquilo que se nomeia (Grenz, 1997, p. 23).

Outro filósofo importante é Richard Rorty, que entende que o ato de conhecer não tem como objetivo conhecer a verdade, e sim continuar a discussão acerca daquilo que está se propondo a conhecer (Grenz, 1997).

Em suma, o pós-modernismo tornou-se descrente em relação as promessas da modernidade e, agora, no mundo pós-moderno, as pessoas já não possuem mais a certeza de que o conhecimento é algo bom e que deve ser buscado (Grenz, 1997).

No entanto, ao afirmar que a realidade é apenas o resultado de uma leitura discursiva individual do sujeito, a pós-modernidade gera uma total instabilidade na medida em que a subjetividade pode relativizar qualquer coisa que faça parte da realidade e dar a ela àquilo um sentido qualquer, muitas vezes desconexo com a própria realidade em que ele se insere. Além disso, qualquer tentativa de estabelecimento de algo único pode ser visto como opressor, o que torna a questão ainda mais problemática.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman retrata essa questão a partir da metáfora do líquido, onde a solidez estrutural da forma foi substituída por uma fluidez que se adapta, cunhando o termo “modernidade líquida” para o momento atual da história.

Para Bauman, os padrões estabelecidos e inquestionáveis que antes permeavam a sociedade tornaram-se agora tão maleáveis que as novas gerações são incapazes de, sequer, concebê-las (Bauman, 2011).

Dessa forma, percebe-se haver na pós-modernidade a perda de solidez, a desestruturação, a volatilidade e a aceleração que caracterizam a vida social, as relações humanas, as instituições e o poder na era contemporânea (Bauman, 2011).

1.2.2 Impacto na concepção de identidade, na sociedade e na cultura

Em termos sociais, a pós-modernidade pretende colocar em ruínas as bases da crença de uma pessoa. Afinal, se tudo é linguagem, tal estrutura está conectada a uma narrativa maior, o que para a sociedade pós-moderna não tem valor algum e é incapaz de se sustentar-se, principalmente se essa estrutura de crença partir de uma metanarrativa religiosa.

Além disso, verifica-se a subjetivização individual de diversas instituições e conceitos como família, casamento, sexualidade, identidade, vida e etc., em uma clara tentativa de ruptura da influência judaico-cristã no Ocidente. A famosa frase “*Penso, logo existo*” de Descartes agora é substituída pelo “*Acredito, logo estou certo*” do homem da modernidade tardia.

Em outras palavras, a pós-modernidade trouxe consigo o fenômeno da pós-verdade, onde “não existe mais uma verdade, e sim a verdade de cada um”, inviabilizando qualquer discussão que tenha como finalidade alcançar a verdade real sobre algo.

Partindo dessa premissa, “*o mundo é aquilo que criamos, e criamos um número tão grande de mundos diferentes que é impossível afirmar qual ideia da realidade é a correta*” (Goheen e Bartholomew, 2016, p. 232-233).

Michael Goheen e Craig Bartholomew fazem um apontamento interessante sobre o modo como a pós-modernidade modificou, até mesmo, a forma como o ser-humano se vê, não mais como um sujeito cuja identidade lhe foi atribuída pela natureza, mas sim como uma construção que parte do próprio ser:

Emoções, desejos, crenças – aspectos de humanidade que na modernidade haviam sido suprimidos pela exaltação da razão – agora estão encontrando uma nova vida. Seres humanos não têm uma natureza que lhes foi dada, mas, na realidade, são uma construção (Goheen e Bartholomew, 2016 p. 233).

Essa percepção leva o indivíduo a não ser mais contido pelas estruturas socializantes, o que acarreta na queda de grandes ideologias e, por conseguinte, na falta de mobilização de projetos históricos; tornando o âmbito social apenas uma mera extensão do âmbito particular do sujeito (Lipovetsky, 2004).

Diferentemente do sujeito do iluminismo, o sujeito da modernidade tardia tornou-se um ser fragmentado e que assume diversas identidades, sendo algumas contraditórias, outras não; podendo, inclusive, assumir tais identidades de maneira provisória (Hall, 2006).

Nesse sentido, Stuart Hall argumenta que o maior impacto que a pós-modernidade causa na sociedade é o fato dela ser caracterizada pelas *“diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos”* (Hall, 2004, p. 18).

Entretanto, não é apenas no campo da percepção que o ser humano tem de si que a pós-modernidade tem incidido seus efeitos. Ela atinge outras camadas, outros aspectos que também compõem a vida.

Do ponto de vista cultural, todos nós nascemos dentro de uma representação cultural que se personifica dentro de uma nação. Essa identidade cultural é constituída por um conjunto de significados, tais como: a história, a língua, os costumes, principalmente a religião e etc (Hall, 2006).

Além dos símbolos e representações, a cultura possui também um discurso que aponta para um sentido formativo e que organiza tanto o modo como interagimos como também a ideia acerca de quem somos. Isso nos permite concluir que esse dispositivo discursivo é uma narrativa (Hall, 2006).

Porém, tal concepção acerca da identidade cultural mudou radicalmente a partir da pós-modernidade, sobretudo a partir do processo de globalização responsável pela superação de fronteiras e distâncias a partir da interconectividade entre pessoas de qualquer lugar do mundo.

A propósito, entende-se por globalização:

[...] processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado (McGrew apud Hall, 2006, p. 67).

Sua abrangência vai desde o acesso a ideias e conhecimento a nível internacional até a criação de um mercado global a partir da revolução tecnológica, passando por intercâmbios culturais e sociedades civis globais (Goheen e Bartholomew, 2016).

O fenômeno da globalização somado ao capitalismo traz consigo uma espécie de homogeneidade global em detrimento a identidade e a cultura nacional. Um exemplo disso é o consumo em massa.

Partindo dessa perspectiva, Hall afirma:

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (Hall, 2006, p. 74).

Dessa forma, a globalização trouxe consigo uma espécie de cultura global e, conseqüentemente, um padrão de consumo global, sendo esse consumo de massa um forte candidato para tornar-se a grande narrativa reinante no mundo ocidental, visto que os valores fundamentais do indivíduo são baseados a partir do consumo quando deveria ser o oposto (Goheen e Bartholomew, 2016).

Nessa direção:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes *identidades* (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a *identidade*, ficam reduzidas a uma espécie de *língua franca* internacional ou de moeda

global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas (Hall, 2006, p. 75-76).

Assim, na cultura da modernidade tardia, o senso de pertencimento cultural que antes se dava por meio de símbolos, representações e tradições nacionais foram substituídas pela capacidade de aquisição e consumo de bens e serviços disponibilizados no mercado global, onde as necessidades se tornam, praticamente, “infinitas” diante do volume da produção, da inovação e da apresentação destas como sendo “indispensáveis” na tentativa de saciar o senso de pertencimento do indivíduo.

1.3 A Transformação da Religião na Sociedade Secular

1.3.1 Declínio da religiosidade institucionalizada

Preliminarmente, faz-se necessário enfatizar que tal declínio não se revela abrangente. Afinal, como já mencionado anteriormente neste trabalho, embora o esvaziamento da influência religiosa possa ser facilmente percebido na Europa e na América do Norte, o sul global – sobretudo a África, América Latina e Oriente – tem experimentado uma grande efervescência religiosa, principalmente através do cristianismo e do islamismo.

Feita essa importante consideração, prosseguiremos destacando alguns fatores que podem explicar a perda da relevância religiosa na esfera pública e privada.

O primeiro deles é o pluralismo religioso. Durante séculos, o cristianismo era a crença predominante em todo o mundo, não havendo a multiplicidade de crenças concorrentes que há atualmente. Esse cenário religioso pluralista pode acarretar ou o questionamento ou o rechaço de um discurso religioso institucionalizado dominante (Machado, 2025).

Outro ponto que merece destaque são os recentes escândalos ocorridos em igrejas institucionalizadas e que dizem respeito a abusos sexuais, financeiros, psicológicos, espirituais e etc. É inegável que tais escândalos minam a imagem da igreja perante a sociedade e, conseqüentemente, descredibiliza seu discurso, principalmente diante dos jovens.

Somado a isso está a percepção da religião institucionalizada como sendo conservadora, cujos dogmas vão contra os valores modernos como o aborto, a causa LGBTQIAPN+, igualdade de gênero e etc. (Machado, 2025).

Há, também, o poder de influência de alguns grupos intelectuais secularizados em diversos setores da sociedade. Ainda que esses grupos não sejam compostos de uma quantidade numerosa de pessoas, essas são influentes e controlam diversas instituições de extrema importância - meios de comunicação, sistemas educacionais e cargos políticos – e que influenciam diretamente a vida das pessoas (Berger, 2001).

Os avanços científicos também podem ser considerados fatores para a perda de influência da religião. Embora é sabido que o cristianismo contribuiu para o desenvolvimento da ciência moderna e para a criação de diversas universidades, a secularização trouxe consigo a ideia de que a ciência exclui Deus, ou seja, a partir do momento que o método científico consegue explicar as leis da natureza e as relações sociais, não há mais a necessidade de crer em uma divindade criadora e sustentadora do cosmos que explique a origem do universo e da vida, uma postura que afasta qualquer possibilidade de diálogo entre ciência e religião.

De acordo com Joana Machado:

[...] a ciência se tornou um campo privilegiado para a busca da verdade, oferecendo muitas respostas baseadas em dados observáveis e teorias testáveis. Muitas das explicações religiosas para fenômenos naturais, como a origem do universo e a evolução das espécies, começaram a ser substituídas por explicações científicas, desafiando as cosmovisões religiosas (Machado, 2025, p. 12).

Além disso, o desenvolvimento tecnológico e sua disponibilidade em larga escala somado ao fácil manuseio tornam a vida mais prática no cotidiano. Contudo, o universo tecnológico, capaz de levar o ser humano a uma profunda imersão virtual – um universo que conta com símbolos, linguagens e representações próprias –, também pode ser considerado um fator de afastamento da religião e desconsidera-la na ordem da vida.

A modernidade tardia fez também com que o homem rejeitasse qualquer discurso narrativo de autoridade e submissão que, porventura, pudesse leva-lo a abrir mão de sua liberdade de ser e fazer o que quiser, e as igrejas e a religião

ainda carregam isso consigo, o que levou um grande número de pessoas a buscarem um significado para a vida a partir de outras formas extra - religiosas (Taylor, 2007).

Nesse ponto, é importante destacar a ascensão da chamada “ética da autenticidade”, principalmente após a revolução cultural dos anos 60, e que traz consigo o discurso: *“cada um faça o que quer, e não devemos criticar os ‘valores’ uns dos outros”* e *“não se deve criticar os valores dos outros, porque eles têm o direito de viver a própria vida como você”*, não havendo espaço para qualquer tipo de narrativa que, de alguma maneira, limite a liberdade do sujeito e o aprisione (Taylor, 2007, p. 484).

Dessa forma, as crenças e práticas religiosas, que na modernidade eram tidas como um refúgio frente os problemas da vida, agora são vistas como um repositório de ansiedade e apreensão mental ao *“contaminar a vida cotidiana com temores existenciais, invocando, como elas fazem, uma tensão entre pecado e a promessa de salvação num além-mundo”* (Giddens, 1991, p. 97).

Ademais, há ainda a tentativa de alinhar a religião institucionalizada com poder e privilégio, acarretando reações contrárias e descontentamento popular (Taylor, 2007).

Por fim, destaca-se que a assimilação da ideia de que a religião está em declínio fomentaram o declínio da crença e da prática (Taylor, 2007).

Os fatores expostos, somados a diversos outros, fizeram com que as religiões institucionalizadas perdessem *“a sua hegemonia em deliberar no campo da política, da ética, enfim, das instâncias reguladoras do cotidiano, uma vez que perdem o poder de dotar de significado o mundo moderno”* (Brandão, 2017, p. 66).

1.3.2 Novas formas de espiritualidade

Todo ser humano está em busca do significado e propósito de sua existência, lançando-se na grande busca pelo sentido da vida e percorrendo uma longa jornada que, segundo Os Guinness, passa por quatro etapas: i) pergunta, ii) resposta, iii) comprovação dessa resposta, iv) compromisso de fé com a resposta encontrada e comprovada; e essa busca está ligada a algo transcendente, espiritual, religioso (Guinness, 2022).

Para Rennan Brito, “a religião, desde o princípio da existência humana até hoje, através de sua dinâmica elucidativa dá aos homens de quaisquer sociedades e diferentes culturas compreensões a respeito de si e do mundo” (Brito, 2023, p. 11).

Taylor dirá que:

Muitos estão “procurando uma experiência mais direta do sagrado, de maior imediatismo, espontaneidade e profundidade espiritual, [...] Isso muitas vezes brota de uma profunda insatisfação com a vida inteiramente encerrado na ordem imanente. A sensação é que esta vida é vazia, plana, desprovida de um propósito maior (Taylor, 2007, p. 506).

Partindo dessa premissa, a espiritualidade moderna está ligada, em primeiro lugar, a compreensão do ser: “*Quem sou eu?*”; e reflete a busca pelo auto - conhecimento a fim de se conhecer melhor, o que não é ruim. No entanto, a busca do ser pode desencadear um culto ao ego e utilizar a espiritualidade como um meio egoísta de satisfação de seus próprios interesses (Menezes, 2020).

Cumprir observar que:

A contemporaneidade, marcada pela individualização e pela subjetivação, traz uma religiosidade centrada na pessoa e em sua realização pessoal, que sai a procura de um “Deus” que o satisfaça, e, principalmente, que lhe seja conveniente (Figueira, 2014, p. 85).

Um bom exemplo dessa nova maneira de lidar com a espiritualidade são as chamadas igrejas “neopentecostais” e a teologia *coaching*. Em ambas, a ênfase é, exclusivamente, a satisfação dos interesses materiais do indivíduo, sendo Deus apenas uma espécie de “colaborador” que viabiliza o objetivo final pretendido. A busca aqui não consiste em tornar-se espiritualmente elevado, e sim apenas obter o que se pretende do ponto de vista terreno, sem que isso implique um relacionamento mais profundo com o transcendente posteriormente.

Há também, a ascensão do exercício da espiritualidade a partir da junção de elementos de várias religiões, o chamado sincretismo religioso. Uma combinação de expressões religiosas distintas com a finalidade de buscar uma conexão espiritual sem, necessariamente, pertencer a alguma delas (Figueira, 2014).

Sob essa ótica, o sujeito moderno *“passeia por diversas formas de expressões de espiritualidade, em momentos demorando-se mais um pouco em alguma específica, mas logo em seguida, caminhando para novos horizontes”* (Figueira, 2014, p. 86).

É uma espiritualidade que se opõe a religião, na medida que parte de uma exploração autônoma em busca do transcendente e rejeita qualquer dogma ou estabelecimento ético-comportamental que se encontram nas igrejas e limite, de alguma forma, a sua autonomia (Taylor, 2007).

Um outro ponto diz respeito a crise de sentido do homem moderno e a falha da religião tradicional em ajuda-lo na tentativa de preencher esse vazio existencial, fazendo com que outras alternativas para suprir o homem moderno surgissem levando em consideração mais as exigências de significação e pertencimento do indivíduo na vida, a fim de oferecer algo que o cativa e o leve a se “sentir bem”, do que fidelidade as Escrituras e ao Espírito Santo (Menezes, 2020).

Uma prova disso é o consumismo religioso. Vivemos hoje em uma sociedade marcada pelo consumo em massa oriundo do mercado global. Essa cultura do consumo chega ao ambiente eclesial e, agora, diversas igrejas são constituídas com o intuito de ser atrativa ao homem moderno que busca a satisfação de seu anseio consumidor, um local de encontro onde ele possa se entreter com a infraestrutura, socializar com pessoas com o mesmo propósito e um discurso que promete resolver a sua sede de afeto, que constitui sua referência de identidade.

Em resumo, a espiritualidade moderna tenta levar o homem a compreender sua vida, história e identidade a partir de si próprio, na tentativa de desvincular sua história pessoal de qualquer metanarrativa que vincule a constituição, o significado e o propósito de ser do indivíduo.

2. A IGREJA NA ERA SECULAR: TEOLOGIA E ECLESIOLOGIA MISSIONAL

2.1 Origem e desenvolvimento do conceito

Teologia Missional é a compreensão da Grande História narrada nas Escrituras e dos conceitos que emergem dela tendo como chave hermenêutica a missão empreendida por Deus ao longo da história a fim de restaurar a humanidade e a criação.

Afinal, a missão perpassa todo o enredo da salvação e, se quisermos entender os conceitos teológicos advindos da metanarrativa bíblica (ex. eclesiologia, hermenêutica, pneumatologia e etc.), precisamos olhá-los a partir da perspectiva missional, pois ela revela um Deus missionário em ação até os dias atuais.

Nessa linha, David J. Bosch assevera:

Necessitamos de uma pauta missiológica para a teologia, não apenas de uma pauta teológica para a missão, porque a teologia, se entendida corretamente, não tem outra razão de existir senão a de acompanhar criticamente a *missio Dei*. A missão, por conseguinte, deveria ser “o tema de toda a teologia”. Pode designar-se a missiologia como a “disciplina sinótica” dentro da enciclopédia mais ampla da teologia. Não se trata de a teologia ocupar-se com o empreendimento missionário quando lhe parece apropriado fazê-lo; pelo contrário, a missão é o assunto com que a teologia deve lidar. É vital para a teologia estar em contato direto com a missão e o empreendimento missionário (Bosch, 2002, p. 590).

Mas, do ponto de vista eclesiológico-missionário – o objeto deste trabalho – o que é uma igreja missional?

Em *Tornando-se uma Igreja Missional*, Michael Goheen e Timothy Sheridan comparam os movimentos eclesiológicos missionais ao pensamento de Lesslie Newbigin – considerado por muitos o pai da igreja missionária/missional –. Nela, os autores argumentam que o caráter missional de uma igreja consiste em:

[...] um compromisso com a Bíblia como a verdadeira história que narra o significado e o propósito de todo o mundo, uma aceitação do chamado da igreja para ser a nova humanidade que conta e incorpora essa história em todo o espectro de suas vidas em meio a cultura que vivem por diferentes histórias e um encontro missional abrangente com o núcleo religioso da cultura (Goheen; Sheridan, 2024, p. 18).

Dito de outra forma, a igreja missional não se restringe ao evangelismo, ao exercício de justiça e misericórdia e da busca por novas estratégias para o crescimento da igreja (Goheen; Sheridan, 2024). Ela é mais abrangente na

medida em que ela encarna o *teodrama* e se envolve com a cultura para fins missionais, sendo um agente participativo de transformação social e, ao mesmo tempo, aponta as mentiras que a cultura comprou em razão do pecado.

Nesse sentido, Ed Stetzer chama atenção para o fato de que: *“missional/encarnacional (M/E) são os dois lados da mesma moeda e refletem a comunidade cristã que se desloca tanto para fora (missional) quanto, com maior profundidade (encarnacional), para dentro da cultura”* (Stetzer, 2015, p. 216).

Em uma igreja missional todos os membros exercem uma intencionalidade missional nas mais diversas esferas da vida, seja a partir do evangelismo ou pelo exercício de suas vocações, sendo esse o resultado de uma igreja encarnacional onde todos são aprendizes.

A teologia missional conduz a igreja ao redescobrimto do seu papel como comunidade do Reino, do testemunho e do servir no mundo e para o mundo; a um resgate histórico da essência de ser da Igreja que, *“durante toda sua existência a Igreja de Cristo é serva do mundo, enviada ao mundo. A comunidade existe para o mundo, porque é a comunidade de Jesus Cristo”* (Blauw, 1966, p. 109).

O resgate dessa mentalidade missionária como o centro da igreja – pois não há igreja sem missão, nem missão sem igreja – se dá a partir de 1938, quando houve a realização da Conferência do Conselho Missionário Internacional (IMC) em Tambaram, Índia (Goheen; Sheridan, 2024).

Até o início do século XX, a compreensão acerca de missão limitava-se ao empreendimento de expansão geográfica cristã a países fora do Ocidente (leia-se aqui América do Norte e Europa) realizados por sociedades missionárias que enviavam missionários ocidentais a esses lugares. Enquanto isso, a Igreja no Ocidente ajudava essas missões transculturais com recursos financeiros e envio de pessoas (Goheen; Sheridan, 2024).

Há, contudo, um grande paradoxo nesse cenário: a separação da missão e da igreja. A realização da missão – que constitui a natureza bíblica da Igreja – foi transferida para outro corpo separado da Igreja e dois grandes problemas emergem: i) a limitação do conceito de missão a missões transculturais, ii) o chamado da igreja enquanto congregação local é reduzido apenas ao exercício de seu pastoral interno (Goheen; Sheridan, 2024).

A realização da conferência da IMC em Tambaram foi a responsável por iniciar o movimento de recuperação da centralidade da igreja para a missão. O relatório de Tambaram, cujo título é *“The World Mission of the Church”* [A missão Mundial da Igreja], afirma o papel da Igreja como mensagem, em suas palavras e ações; e como movimento, sendo uma comunidade escatológica que encarna o Evangelho e vive como cidadãos da Nova Jerusalém no meio do mundo (Goheen; Sheridan, 2024).

O relatório de Tambaram também apresenta características de uma Igreja Missionária: i) transmite, anuncia e testemunha o Evangelho de uma geração a outra; ii) evangeliza adeptos de outras religiões e os convida para a igreja, iii) nutre a vida de Cristo nas congregações por meio da liturgia, disciplinas espirituais e dos sacramentos, iv) se identifica com o sofrimento do mundo e coloca-se como um mediador do amor de Deus a ele, v) preza pela unidade e pelo fim das divisões existentes na cristandade, vi) levar o Evangelho a regiões que ainda não ouviram (Goheen; Sheridan, 2024).

Além da Conferência da Tambaram, a IMC realizou em 1952 sua segunda conferência em Willingen, Alemanha, evento esse também de extrema importância para a compreensão da natureza missionária da Igreja.

O período de tempo entre as Conferências de Tambaram (1938) e Willigen (1952) foi marcado por alguns fatos importantes, cuja menção se faz importante para entendermos o cenário da igreja e do mundo durante esse período.

A ascensão da igreja no Sul e no Leste global chamou a atenção do Ocidente, mesmo com o fechamento de diversas agências missionárias e o fechamento do cerco contra o Cristianismo em diversos países – principalmente a China (1949), com Mao Tse Tung –. O número de representantes dessas regiões, que já era bem maior que o número de representantes Ocidentais em Tambaram, aumentou consideravelmente em Willingen, demonstrando um crescimento extraordinário da Igreja nesses lugares (Goheen; Sheridan, 2024).

Adicionado a isso, vários estudos relacionados a Teologia da Missão foram desenvolvidos, estudos esses promovidos, principalmente, pelas áreas de Estudos Bíblicos e Teologia através de nomes como Oscar Cullmann, Karl Barth e Emil Brunner (Goheen; Sheridan, 2024).

Ademais, a ocorrência da 2ª Guerra Mundial e, por conseguinte, a propagação em larga escala de diversas ideologias – como o marxismo e o

comunismo, por exemplo – fizeram com que a Igreja chegasse à conclusão de que não era apenas os países fora do Ocidente que necessitavam ser evangelizados. O mundo todo é um campo missionário e precisa do Evangelho (Goheen; Sheridan, 2024).

É nesse cenário que a Conferência de Willingen foi realizada e sua tarefa principal consistiu em examinar os diversos entendimentos sobre missão apresentadas nesse evento e “*esboçar uma nova estrutura teológica para a missão da igreja*”, emergindo a necessidade de uma reflexão profunda e coerente acerca do chamado missionário da Igreja (Goheen; Sheridan, 2024, p. 52-53).

A redação do relatório final da Conferência de Willingen contou com a importante contribuição de duas figuras centrais: Lesslie Newbigin e Karl Hartenstein. Com o título “*O chamado missionário da Igreja*”, o relatório tem como tese central a participação da igreja na missão do Deus triúno:

A missão tem a sua origem no amor do Pai, que envia o seu Filho para reconciliar consigo todas as coisas. O Filho envia o Espírito para reunir sua igreja e capacitá-la para a missão. A igreja é enviada por Jesus para continuar sua missão no poder do Espírito, e isso define sua própria natureza (Goheen; Sheridan, 2024, p. 53).

Esse entendimento levou a Igreja a se desvencilhar de sua natureza não missionária e chegar à conclusão de que o Ocidente também é um campo missionário a ser explorado e a missão abrange tanto os confins da terra quanto a sua própria vizinhança (Goheen; Sheridan, 2024).

Embora a centralidade do relatório seja a participação da igreja na missão empreendida por Deus para reconciliar todas as coisas consigo por meio de Cristo e o chamado de Jesus a Igreja para fazer parte desse empreendimento, a Conferência de Willingen tratou também de outros assuntos importantes como: a congregação local, unidade e missão, e a abrangência da missão (Goheen; Sheridan, 2024).

Entretanto, embora as deliberações de Tambaram e Willingen tenham sido importantes para o resgate do caráter missionário da igreja, estas ficaram esquecidas pelos ventos seculares até que Lesslie Newbigin, após sua aposentadoria como missionário na Índia por 40 anos, retornou a Grã-Betanha

em 1974 e constatou a necessidade de um encontro missionário, por parte da Igreja, com o Ocidente.

Newbigin percebeu em seu retorno que a Igreja havia se adaptado a cultura e renunciado a sua vocação e identidade missionária, acomodando-se a cosmovisão científica moderna e precisava retomar sua natureza missionária (Goheen; Sheridan, 2024).

Para ele, a cultura ocidental é a força global mais dominadora da história da humanidade por influenciar, praticamente, todas as culturas do mundo; controlando a vida pública e relegando a religião a esfera privada, tornando-o cada vez menos influente e relevante na cultura moderna (Goheen; Sheridan, 2024).

Com o objetivo de que a igreja realize esse encontro missionário e tenha êxito, Newbigin descreve três tarefas a serem colocadas em prática pela Igreja a fim de retomar seu protagonismo cultural: expor o credo religioso (cultural), recuperar o Evangelho como verdade pública e narrativa (teológica), ser uma igreja que vai além da privatização e da cristandade (eclesiológica).

Em sua tarefa de expor o credo religioso, a igreja precisa lançar luz sobre o credo religioso que permeia a cultura ocidental. A narrativa da neutralidade, amplamente difundida, não se sustenta, pois, a cultura como um todo, principalmente a ciência, partem da crença em uma determinada tradição que serve de pressuposto para nortear suas atividades, independente destas serem religiosas ou não (Goheen; Sheridan, 2024).

Do ponto de vista teológico, a tarefa da igreja consiste em posicionar-se dentro da história bíblica e compreender a cultura contemporânea a luz das Escrituras, o que implica na defesa da autoridade das Escrituras a fim de que o Evangelho seja apresentado como verdade absoluta e abrangente (Goheen; Sheridan, 2024).

Por fim, a igreja deve se libertar da limitação que lhe foi imposta pela cosmovisão humanista e recuperar sua natureza missionária a partir um encontro missionário com a cultura, sendo solidária a ela na promoção do bem e, ao mesmo tempo, criticando as mentiras do pecado absorvidas por ela, mantendo, assim, a sua vocação de ser luz para as nações vivendo no meio do mundo sem se corromper com os valores que distorcem a estrutura e a direção estabelecidas por Deus em seu ato criacional (Goheen; Sheridan, 2024).

A eclesiologia missionária desenvolvida por Lesslie Newbigin em suas obras resgatou a urgência da igreja no exercício da sua natureza missional e influenciou diversos teólogos que, hoje, dão continuidade ao legado deixado por Newbigin.

Contudo, além dos congressos de Tambaran e Willigen e a influência destes na formação do pensamento missional de Newbigin, faz-se indispensável mencionar outro evento importante ocorrido em 1974: o I Congresso Internacional de Evangelização Mundial que aconteceu em Lausanne, na Suíça.

Realizado entre 16 a 25 de julho de 1974, o Congresso de Lausanne foi organizado por Billy Graham – considerado por muitos o maior evangelista do século XX – e reuniu, aproximadamente, 4000 pessoas – entre líderes e evangelistas – de igrejas de diversos países com o objetivo de juntos, pensarem e apresentarem ideias que contribuíssem para a evangelização mundial (Congresso Brasileiro de Evangelização, 1989).

O lema do congresso foi inspirado no profeta Isaías, conclamando o mundo a ouvir a voz de Deus, e contou com nomes como: Billy Graham, John Stott, Francis Schaeffer, René Padilla, Samuel Escobar, Michael Green, Howard Snyder e Festo Kivengere (Congresso Brasileiro de Evangelização, 1989).

Ao final do evento, foi elaborado um documento denominado Pacto de Lausanne, que resume a ideia central do evento e a proposta de uma evangelização mundial que se torne ouvida por todo o mundo.

Lausanne inspirou e continua inspirando pessoas ao longo de todo o mundo, despertando a igreja para o exercício da sua identidade missionária. O evento teve mais três edições, sendo a última realizada em Seoul, na Coreia do Sul (2024) e contou com a presença de cerca de 5000 pessoas de todo o mundo.

2.2 Características de uma Igreja Missional

A Igreja Missional é uma comunidade bíblica, saudável e relevante. Ela encarna as boas novas, encena o *teodrama* por compreender o poder e a dimensão da Palavra; e não substitui a exposição das Escrituras por atividades de entretenimento, infraestrutura chamativa e mensagens que colocam o homem e o bem estar terreno como a prioridade central da vida como subterfúgio para atrair pessoas e ser uma grande igreja.

Mas como uma igreja pode ser bíblica, saudável e relevante? Destacamos aqui quatro características essenciais e que se retroalimentam: i) dinâmica e liturgia de culto a partir da metanarrativa bíblica, ii) pregação que exponha fielmente o Evangelho e – ao mesmo tempo – comunique a mensagem de maneira inteligível e contextualizada ao ouvinte e sua cultura, iii) a compreensão e o exercício de um evangelho integral, iv) comunidade escatológica. Falaremos sobre cada uma delas.

Na contemporaneidade, diversas igrejas acabaram deixando de lado o aspecto formativo da liturgia para focar em ações de entretenimento para atrair ou manter pessoas nas suas comunidades. O culto – antes centrado na palavra de Deus – deu lugar ao anseio de satisfazer o desejo de consumo dos que ali estão.

Nessa linha, James K. A. Smith diz que as liturgias de culto hoje “*são construídas sobre rituais consumistas e sobre ritos de valorização pessoal*”. Isso leva a um abandono da ênfase comunitária que a Igreja deve nutrir e formar seus membros. Afinal, se pertencemos ao corpo de Cristo, a nossa vida está inserida dentro de um contexto maior, cujo direcionamento está para além das nossas expectativas e desejos pessoais (Smith, 2017, p. 303).

Evidentemente, um ambiente voltado para a formação nem sempre será divertido ou atrativo. Porém, entendemos que a abordagem litúrgica cuja referência a metanarrativa bíblica seja contínua, intencional e direta é o modo pedagógico mais efetivo para a formação de uma comunidade missional que testemunhe Cristo em seus vários contextos.

Essa abordagem, aliás, fará com que a igreja assimile a sua identidade e seu papel na missão redentiva instaurada por Deus e, conseqüentemente, entenda o seu chamado para ser uma comunidade de contraste dentro de uma cultura corrompida pelo pecado ao mesmo tempo em que ela está sendo treinada para um encontro/confronto missionário no seu chamado ao mundo (Goheen, 2014).

Nesta mesma esteira, Kevin Vanhoozer argumenta sobre essa dupla identidade da igreja: “*a responsabilidade exclusiva da igreja é proclamar e praticar o evangelho, dando no discurso e na vida testemunho da realidade da presença e da ação de Deus em Jesus Cristo e no Espírito Santo*” (Vanhoozer, 2016, p. 19-20).

Uma liturgia que trabalha diretamente com a história bíblica, portanto, faz com que as pessoas enxerguem o propósito holístico da missão de Deus de redimir a sociedade em suas mais diversas esferas – política, econômica, social, acadêmica e etc. – tornando-a comprometida com a história bíblica como a verdadeira história do mundo e com o Evangelho do Reino sobre a criação.

A missão é o coração da igreja! Uma Igreja Missional vive o chamado de ser luz para as nações e ser o sal da terra, atraindo os que estão de fora a voltarem seu olhar para uma comunidade do Reino que, na terra daqui, vive como cidadãos da terra do céu; e a aplicação constante da metanarrativa bíblica a liturgia e a doutrina da Igreja atua como ferramenta pedagógica que trabalha a cognição e a imaginação indispensáveis para moldar a vida da Igreja (Vanhoozer, 2016).

Em outras palavras, a assimilação da metanarrativa bíblica faz com que encaremos a realidade “*com olhos missionais*” pois percebemos que, após Cristo, nossa história passa a pertencer a Deus e não mais a nós mesmos (Bibo, 2025).

Outro ponto importante diz respeito a pregação do Evangelho ao homem da modernidade tardia. O entendimento da mensagem passa pela utilização de linguagem, símbolos e representações que a torne inteligível ao homem moderno. Tal comunicação deve levar em consideração o contexto – histórico, cultural, geográfico e outros – do ouvinte para que faça sentido a sua realidade.

A fim de que a pregação das boas novas alcance o coração do homem pós-moderno, é necessário servir a Palavra pregando Cristo em toda a Escritura, alcançar o coração das pessoas, e demonstrar o Espírito e seu poder por meio dela (Keller, 2017).

Na obra *Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo*, Timothy Keller defende que o sermão expositivo é o que melhor atende a finalidade de pregar a Palavra de Deus de maneira que os ouvintes percebam a autoridade do próprio texto bíblico (Keller, 2017).

Keller defende, ainda, que sendo a salvação exclusiva do Senhor por meio de Jesus o eixo central de toda a Bíblia, essa ideia precisa estar clara em todo o sermão, seja ele no Antigo ou no Novo Testamento (Keller, 2017).

Além disso, o Evangelho precisa ser contextualizado a fim de se aproximar e confrontar o homem da modernidade tardia, que se depara com uma

enorme gama de narrativas pós-modernas em conflito com a metanarrativa bíblica, apresentando-o como resposta a essas narrativas (Keller, 2017).

Porém, só contextualizá-lo não basta. As boas novas precisam ser comunicadas ao coração do ouvinte de modo que essa faça sentido a sua realidade cotidiana, e isso é possível através de ilustrações e exemplos da vida ordinária, e de uma linguagem sincera e que se aproxime de quem ouve (Keller, 2017).

Por fim, a pregação deve convidar o Espírito Santo para operar através dela manifestando o seu poder, o que só é possível se àquele que prega experimenta isso em sua vida (Keller, 2017).

Assim, uma liturgia centrada na dinâmica da metanarrativa bíblica somada a contextualização fiel do Evangelho através de um sermão expositivo Cristocêntrico que demonstra o poder do Espírito, levará as pessoas da comunidade missional: a uma vida de oração intencional e profunda, a uma adoração densa que nutre o povo de Deus, a percepção das correntes idólatras dos dias atuais, a evangelizar amigos e vizinhos de maneira orgânica e a comprometer-se com missões transculturais para estabelecer uma presença de testemunhos.

Não devemos, no entanto, reduzir a intencionalidade missionária apenas a pregação do Evangelho, pois ela é mais abrangente e a Bíblia nos mostra isso.

Quando ouvimos a palavra missões, muitos atribuem o conceito exclusivamente ao aspecto da evangelização e do envio transcultural de pessoas para pregarem o evangelho em outros contextos socioculturais.

De fato, a comunicação das boas novas deve ser o carro chefe de uma Igreja Missional por sermos chamados para anunciar a Cristo – vida, morte e ressurreição –, o arrependimento dos pecados e a salvação mediante a fé.

No entanto, algo precisa ser observado: além da proclamação (verbal ou escrita) e do envio transcultural, existem outras atividades que a Bíblia descreve como sendo missionais (Wright, 2012).

Christopher Wright destaca esse aspecto do seguinte modo:

[...] existe uma vasta gama de atividades sancionadas pela Bíblia, às quais o povo pode ser enviado por Deus para fazer, inclusive, o alívio da fome, ações de justiça, pregação, evangelismo, ensino, cura e administração; no entanto, quando usamos as palavras missões e

missionários, temos a tendência de pensar principalmente em termos de atividade evangelística (Wright, 2012, p. 30).

Isso nos leva a conclusão de que o envio do povo de Deus nem sempre é evangelístico, mas, ainda assim, continua sendo missional. Até porque, a responsabilidade desse povo com a sociedade a partir de suas atividades seculares também está inserida no “ser uma benção para as nações” ou “ser o sal da terra” (Wright, 2012).

Mesmo em meio ao exílio babilônico e com a promessa de que voltariam para Jerusalém, Deus diz ao seu povo através do profeta Jeremias: *“Busquem a prosperidade da cidade para a qual eu os deportei e orem ao Senhor em favor dela, porque a prosperidade de vocês depende da prosperidade dela”* (Jr. 29:7).

Como cidadãos do Reino de Deus, precisamos entender que somos peregrinos e, mesmo com a promessa do retorno de Cristo e com o estabelecimento da Nova Criação, precisamos buscar a prosperidade e o desenvolvimento da cidade, apesar da nossa permanência nela ser por tempo determinado.

Qualquer coisa que o cristão ou a igreja seja, declara e realiza deve ter caráter missionário, com a consciência de que estão participando da missão de Deus no mundo de Deus (Wright, 2012).

Assim, ignorar o aspecto holístico do Evangelho coloca a Igreja em uma posição de completa alienação com relação às várias necessidades da comunidade em seu entorno, perdendo a chance de abençoar e refletir a vida do Reino de Deus servindo essas pessoas no atendimento dessas demandas.

Ademais, o Evangelho é integral por também ser uma resposta as grandes questões éticas da atualidade como o racismo, a corrupção, a fome, a desigualdade socioeconômica, o aborto, a guerra, o aquecimento global, e outros. Estas questões são manifestações claras da desordem holística instaurada no mundo com a queda.

Como, então, a Igreja pode, efetivamente, apresentar uma resposta holística e com uma ênfase evangelística para um mundo caótico?

Em primeiro lugar, desenvolvendo uma estrutura que mobilize os membros para a missão a partir da capacitação bíblica para a proclamação das

boas novas e, principalmente, do envolvimento destes com a sociedade (Stott, 2013).

O acúmulo de programações (cultos, reuniões, estudos em grupo e etc.) da igreja ao longo da semana são um empecilho para que seus membros se envolvam nas questões que envolvem a comunidade por estarem preocupados demais com a igreja local, afastando-se do restante da “mundanidade” e centrando suas ações em sua própria estrutura como um fim em si, o que revela uma desconsideração com a realidade em seu entorno (Stott, 2013).

Essa situação resulta em um conflito com o propósito bíblico de uma comunidade missional, que consiste basicamente em “*ir a Cristo em adoração e sair por Cristo em missão*” (Stott, 2013, p. 54).

Por isso, a igreja local deve realizar uma pesquisa para tomar conhecimento das necessidades sociais da sua comunidade e, posteriormente, encorajar seus membros a assumirem uma responsabilidade social no atendimento destas demandas comunitárias (Stott, 2013).

Em segundo lugar, assumindo um papel de relevância na esfera pública estimulando os cristãos a permearem uma sociedade não cristã por meio de suas vocações.

Nosso trabalho diário deve ser encarado como um meio pelo qual glorificamos a Deus e, conseqüentemente, encarnamos nosso chamado missional de vivermos dentro do sentido criacional estabelecido por Deus para abençoar o mundo.

Isso traz consigo a ideia da responsabilidade humana na criação e na sociedade. Por meio do trabalho, nós participamos dos propósitos de Deus para com a criação e, por isso, há um valor intrínseco nele (Wright, 2012).

É daí que, aliás, extraímos o entendimento do que vem a ser mandato cultural:

Tudo o que somos e fazemos na esfera pública do trabalho, seja no nível profissional individual, familiar ou comunitário ou até no nível das culturas e civilizações inteiras ao longo da história, está ligado à nossa criação e, portanto, é de interesse do nosso Criador (Wright, 2012, p. 268).

O trabalho é um atributo pelo qual Deus comunicou a nós por Ele também ser trabalhador e, dessa forma, o trabalho em si é um cuidado nosso para com o mundo do Criador.

Além disso, como povo de Deus, somos todos sacerdotes e, por essa razão, devemos representar a sua imagem e a cultura da era vindoura na esfera pública através da nossa vocação; envolvendo-se com ciência, educação, economia, política, artes e outras esferas refletindo a glória do Senhor.

Embora o pecado tenha afetado todos aspectos da sociedade como as artes, a ciência, a tecnologia e etc., tudo aquilo que foi desenvolvido pela humanidade ao longo dos tempos não será descartado na nova criação. Pelo contrário, todas as coisas serão redimidas e não haverá nenhuma influência maligna sobre o mundo de Deus (Wright, 2012).

Contudo, uma questão pode surgir em nossa mente: como conciliar o fato de que o nosso trabalho deve ser encarado como um meio pelo qual glorificamos a Deus e contribuimos para desenvolvimento de uma sociedade que, ao mesmo tempo que fomos chamados para trabalhar nela, está tomada pelos efeitos da queda em todos os seus segmentos?

O engajamento com o mundo se faz necessário até mesmo para a nossa sobrevivência. O trabalho é o nosso modo de subsistência. Entretanto, o ponto chave dessa questão se encontra na postura que adotamos perante a cultura.

Temos um papel contrastante em um mundo não cristão: ao mesmo tempo que nos engajamos para o desenvolvimento e progresso do mundo; nós confrontamos os falsos ídolos entremeados na cultura como a corrupção, a ganância, o consumismo, o egoísmo e tantos outros. O desafio, portanto, está em vivermos essa tensão entre engajamento e conflito a partir de uma convicção bíblica (Wright, 2012).

Michael Goheen, em sua obra *A Igreja Missional na Bíblia: luz para as nações* adverte:

[...] a igreja deve estar envolvida na cultura humana porque a cultura reflete a própria ordem da criação. Porém, a igreja deve também manter uma distância crítica a cultura humana, porque toda instituição humana foi distorcida pelo pecado (Goheen, 2014, p. 183).

A adoção dessa postura certamente acarretará perseguição e sofrimento. O exercício do contraste incomoda as forças malignas que atuam em nosso cotidiano. Entretanto, seja por palavras, seja por ações; o testemunho do evangelho que nos leva a uma vida ética distinta da Babilônia precisa estar presente em nossa vida e, conseqüentemente, devemos suportar as aflições inerentes a esse testemunho

Por essa razão, uma comunidade missional vive a sua identidade e exerce o seu papel no mundo através de sua reorientação e redirecionamento ao mundo corrompido pelo pecado por ser essa a razão de sua participação na *Missio Dei* (Goheen, 2014).

A Igreja Missional é uma “*comunidade de testemunho e de serviço no mundo e para o mundo*”, e isso implica em um comprometimento profundo com os nossos vizinhos em justiça e misericórdia, bem como viver o Evangelho em nossas vocações e na vida pública (Blauw, 1966, p. 120).

Nossas atitudes – individuais e comunitárias – de misericórdia e amor irão quebrar paradigmas na era pós-moderna.

O nosso comprometimento com a missão deve refletir a preocupação de Deus com o todo da vida. O que Deus fez por Israel no Êxodo devemos fazer pelas nações. A missão de Deus é a nossa missão, e se a missão de Deus é holística, a missão de Deus é redentora em todos os sentidos.

Isso nos leva a penúltima característica da Igreja Missional: ser uma comunidade escatológica/contraste no meio de uma sociedade não-cristã e corrompida pelas mentiras idólatras que permeiam a cultura, um povo que vive como embaixadores do Reino de Deus representando os interesses celestiais em todas as esferas.

Sobre isso, Lincoln Rodrigues afirma:

Em uma sociedade que vive em busca da satisfação imediata de seus anseios, não podemos nos esquecer de que a plenitude da satisfação e da felicidade humana não está naquilo que pode ser obtido no presente, mas sim na redenção cósmica futura e o conseqüente estabelecimento da nova criação (Rodrigues, 2023, p. 77).

Rodrigo Bibó corrobora essa ideia ao expressar que viver de uma maneira escatológica significa apontar para a nova criação em tudo o que somos, falamos e fazemos aqui na velha criação: “*Ter sido alcançado por Cristo vai muito além*

do sentimento de ser salvo; é um chamado a ser sal e a viver sua história de uma nova forma, refletindo uma nova criação” (Bibo, 2025, p. 131-132).

Em seu comentário sobre o Sermão do Monte, John Stott destaca que o povo de Deus é chamado para exercer uma influência dupla de contraste: uma negativa, que consiste em impedir a deterioração que assola o mundo; e outra positiva, ao promover a bondade, beleza e verdade de Cristo, sendo luz em meio a trevas (Stott, 2008, p. 56).

Por fim, a última característica de uma Igreja Missional é o investimento na plantação de novas igrejas, desde a capacitação de futuros plantadores até o seu estabelecimento; até porquê, plantar novas igrejas é uma forma de revitalizar a denominação e fazer com que ela se expanda alcançando um número ainda maior de pessoas em diversas localidades e diferentes culturas.

Ao plantarmos igrejas, glorificamos a Deus e expandimos o reino a partir do desenvolvimento de igrejas saudáveis compostas de pessoas recém convertidas ao evangelho, cumprindo, assim, a Grande Comissão (Stetzer, 2015).

Além de plantar novas igrejas, a comunidade missional também deve investir em missões transculturais. Existem localidades de difícil acesso que ainda não foram explorados e que necessitam ouvir a palavra de Deus, e há pessoas que se dispõem a deixar suas famílias, amigos e trabalho para ir a esses lugares apresentar as boas novas de Jesus.

Caso a igreja ainda não tenha condições de enviar e manter um missionário, ela poderá apoiar agências ou outras igrejas que trabalham com o treinamento e envio de pessoas para missões.

O mais importante é que a igreja tenha em mente o seu chamado de abençoar tanto o lugar onde ela está estabelecida como também outros lugares.

Portanto, podemos concluir dizendo que as características de uma Igreja Missional capacitam a comunidade ao exercício do chamado missionário de Jesus: pregar o Evangelho, fazer discípulos a fim de abençoar o mundo, expandir o Reino de Deus e multiplicar adoradores sobre a Terra.

2.3 Fundamentação bíblica-teológica da missão

Quando olhamos para a Bíblia como um todo, é possível observar em todos os seis atos que a compõe – Criação, Queda, Israel, Jesus, Espírito Santo/Igreja e Restauração –, a missão como o aspecto central que interliga todos esses atos.

Portanto, a missão não deve se basear na leitura de textos missionários isolados, e sim na Escritura como um todo, por essa ser a essência da mensagem bíblica (Goheen, 2019).

Logo, “*uma leitura fiel das Escrituras é a que leva a sério uma hermenêutica missional*” (Goheen, 2019, p. 42).

Gênesis 1 revela a nós como tudo começou. O único e verdadeiro Deus – YHWH –, eterno e soberano, cria *ex nihilo* todo o cosmos e a humanidade com sua palavra a fim de habitar entre eles. Aqui, Deus já revela algo importante: Ele não é um ser distante que não interage com o mundo. Ele é um ser relacional.

YHWH cria a humanidade a sua imagem e semelhança a fim de se relacionar e atribui a ela a responsabilidade de multiplicar, encher a Terra e administrá-la com o objetivo de desfrutarem do mundo criado na *shalom*.

Contudo, a humanidade caiu na mentira da serpente de que poderia ser igual a Deus e isso causou uma desordem cósmica na medida em que afetou a percepção do homem com relação a Deus, a ele próprio, as pessoas e a criação; afetando diretamente a *shalom* (Gn. 3).

O pecado acabou causando uma desarmonia e levou a um caminho de rebelião, como vemos desde o episódio de Caim e Abel até a Torre de Babel. A maldade tomou conta e a humanidade e a criação distanciavam-se do propósito divino.

Mas, mesmo com a catástrofe da entrada do pecado no mundo, Deus não desistiu da sua criação. Em seu amor misericordioso, anunciou a serpente que o descendente da mulher esmagaria sua cabeça e, a partir daquele momento, colocaria em prática sua missão de reconciliar a criação e a humanidade consigo.

Em Gênesis 12, vemos Deus chamar Abraão e sua família com a promessa de que faria dele uma grande nação e que, por meio dele, todos os outros povos da Terra seriam abençoados e se voltassem para a adoração ao único e verdadeiro Deus. Israel seria, portanto, um mediador das bênçãos de Deus para as outras nações.

Pela fé, nos tornamos filhos de Abraão e somos parte da resposta cósmica de Deus, ao sermos libertados por Ele da idolatria para a adoração, para expandirmos seu Reino através da missão.

Deus cumpre sua promessa e, da descendência de Abraão, forma um povo: Israel. Israel torna-se o povo escolhido de Deus a fim de ser luz para as nações e ser uma comunidade de contraste em meio aos povos pagãos. Deus deu a eles uma terra – Canaã – para que habitassem nela e glorificassem ao Senhor em tudo o que fizessem, e Ele tabernacularia entre eles.

Entretanto, Israel falhou em seu chamado e, ao invés de ser uma influência para outras nações, foi absorvido pela cultura pagã de seu tempo adorando outros deuses e incorporando práticas dos outros povos. O Senhor os expulsou da terra que havia lhes dado e os enviou ao exílio. Jerusalém e o templo foram destruídos. Um tempo de tristeza, pranto e dor.

Mesmo no exílio, Deus disse que essa situação não seria para sempre e eles voltariam para a casa em 70 anos. Mas, enquanto esse dia não chegasse, eles deveriam se multiplicar e trabalhar para a paz e a prosperidade da cidade onde estavam (Jr. 29:5-7), mesmo estando ali a contragosto.

Sabemos que Israel retornou do exílio e Jerusalém foi reconstruída; porém, agora, sob o domínio e opressão do Império Romano. Israel já não era mais uma nação autônoma e soberana. Mesmo assim, eles aguardavam a chegada do Messias e a destruição de todos os povos para reinarem sobre a Terra, esquecendo-se da promessa e aliança abraâmica de ser luz para as nações.

Foi então que o Reino, finalmente, chegou! Mas não da forma como esperavam. Jesus de Nazaré, o Messias prometido. O verbo se fez carne e entrou na história para inaugurar o Reino proclamando as boas novas e manifestando a vida do Espírito, cumprindo integralmente o chamado que Israel não conseguiu.

Com a mensagem do Reino, Jesus inicia o ajuntamento dos povos formando um povo que pudesse viver o Evangelho a partir do amor, da misericórdia, da paz, da humildade, da justiça e, principalmente, da adoração. Sua mensagem chamando as pessoas ao arrependimento e a crerem n'Ele eram autenticadas pela demonstração de poder pelo Espírito Santo ao trazer cura física, emocional e espiritual para várias pessoas.

Porém, para que vencesse o domínio das trevas e salvasse a humanidade da morte eterna, era preciso que Cristo se entregasse como sacrifício vivo e perfeito em resgate de muitos, e assim fez. Ele se esvaziou, entregou-se como oferta pela culpa para que o plano de Deus se cumprisse e morreu na cruz do calvário para dar vida e paz àqueles que n'Ele cressem.

Três dias depois, Jesus ressuscitou! O primogênito dos mortos vive e mostra que, assim como Ele, todos os que morrerem em Cristo ressuscitarão e viverão eternamente na Nova Criação.

No entanto, a consumação do Reino e a destruição definitiva de Satanás e seus poderes malignos não seria, ainda, naquele momento. Jesus precisa ir junto ao Pai e preparar lugar para todos que o amam verdadeiramente. E, enquanto isso, Ele enviaria um Consolador, o Espírito da Verdade, para emponderar e capacitar o povo de Deus para participarem da missão de serem testemunhas de Cristo em Jerusalém, Samaria, Judeia, Galileia... Até os confins da Terra (At. 1:8).

Afinal, os discípulos de Jesus não conseguiriam ir por todo o mundo e fazer discípulos de todas as nações, batizando-os, e ensinando-os tudo o que Jesus ordenou (Mt. 28-18:20) se não fossem capacitados pelo poder do Espírito Santo.

Então, Jesus ascendeu aos céus e, em Atos 2, vemos a profecia de Joel 2:28-29 cumprindo-se a partir do Pentecostes até os dias atuais com o derramamento do Espírito Santo sobre toda Terra, manifestando a vida do Reino em meio a opressão do mundo pela via da proclamação do Evangelho, fazendo novos discípulos de todas as nações, e demonstrando o poder curativo e redentor do Espírito apontando para a consumação do Reino, que virá em breve e restaurará toda a criação de Deus.

Em breve, o Reino será consumado (Ap. 21 e 22). Viveremos na Nova Jerusalém. Um mundo restaurado onde Deus tabernaculará no meio de seu povo, em eterna *shalom*, onde todas as nações, línguas e culturas adorarão ao Senhor; e Satanás, junto com o pecado, e seus males não mais existirão, pois serão extirpados definitivamente por Cristo.

A promessa da vida eterna com Jesus será cumprida logo! Enquanto isso, somos enviados ao mundo por Jesus assim como o Pai o enviou (Jo. 20:21), anunciando ao mundo as grandezas de Deus por entendemos o nosso papel de

sacerdotes (1ª Pe. 2:9-10), vivendo como se já estivéssemos na Nova Jerusalém, como cidadãos/embaixadores do Reino.

Em resumo, àquele que nos criou é um Deus missional na medida em que está desenvolvendo seu plano de redenção e restauração a criação e a humanidade ao longo da história, envia seu Filho amado para encarnar-se irrompendo na história e cumprindo uma parte da missão que apenas Ele poderia fazer (inaugurar o Reino de Deus, morrer tomando sobre si nossos pecados e ressuscitar vencendo Satanás e os principados malignos) e derrama o Espírito Santo sobre a Igreja de modo a convidá-la, capacitando-a com poder e enviando-a ao mundo para participar dessa missão como testemunhas, proclamando as boas novas, manifestando o Reino de Deus em seus contextos (geográficos, linguísticos, culturais, sociais e etc.) e vivendo aqui e agora o antegosto da Nova Jerusalém.

Para Goheen, a Bíblia, portanto, é um registro narrativo da missão de Deus no mundo:

A Bíblia é um registro narrativo da missão de Deus em seu povo e por meio dele para o bem do mundo. Ela conta a história em que a missão é um fio central – a missão de Deus, a missão de Israel, a missão de Cristo, a missão do Espírito, a missão da Igreja. De fato, “a Bíblia como um todo é um fenômeno missional”. Os livros que agora compõem nossa Bíblia são resultado e testemunho da grande missão de Deus [...] Missão não se resume a um item em uma lista de coisas que a Bíblia, por acaso, menciona, só que com mais urgência do que outras. Missão, usando uma expressão muito usada, é a ‘essência da Bíblia” (Goheen, 2019, p. 41-42).

Na mesma linha, Richard J. Bauckham apresenta como ler a Bíblia de modo a captar seu núcleo central que consiste em seu sentido missionário:

Que tipo de hermenêutica nos permitirá entrar no sentido missionário da Bíblia? [...] Deve ser, em primeiro lugar, uma hermenêutica canônica, ou seja, uma maneira de ler a Bíblia como um todo. Em segundo lugar, será uma hermenêutica narrativa, que reconhece como a Bíblia como um todo conta uma história, em certo sentido, uma história única [...] constituindo em seu sentido geral uma metanarrativa, uma narrativa sobre toda a realidade que elucida o significado de toda a realidade (Bauckham *apud* Goheen, 2019, p. 41).

Ao olharmos para a Bíblia, vemos nela o registro da missão da Deus na história e entendemos o nosso chamado de não nos conformarmos com os padrões distorcidos do mundo e participarmos ativamente desse

empreendimento missional proclamando as boas novas e praticando as boas obras, encarnando Cristo naquilo que somos, falamos e fazemos no mundo de modo a refletir o Evangelho na cultura, apontando para a Nova Criação (Rm. 12:2).

Seguindo esse entendimento, Newbigin afirma que missão consiste em proclamar e impulsionar:

[...] a missão mundial cristã é a chave para a história num duplo sentido, que poderíamos classificar como proclamar e impulsionar. Por um lado, ao proclamar Cristo, a missão mundial cristã oferece a todas as pessoas a possibilidade de entender o que Deus está fazendo na história. [...] Por outro lado, a missão tem o que devo chamar de um papel propulsor. Ela estimula os acontecimentos para que sigam na direção do seu verdadeiro fim (Newbigin, 2016, p. 203-204).

Desse modo, cumprimos o chamado de sermos o sal da terra e luz para as nações, como Jesus explica em seu Sermão da Montanha (Mt. 5:13-16), impedindo a continuidade da deterioração do mundo e temperando-o com Jesus, lançando luz sobre aquilo que estava em trevas ao denunciarmos o pecado e apresentar o Evangelho como a verdade única e absoluta sobre todas as coisas.

3. A MISSÃO DA IGREJA NA PÓS-MODERNIDADE: DESAFIOS CULTURAIS E PRÁTICAS MISSIONAIS

3.1 Encontro missional com a cultura pós-moderna

“O mundo não é mais o mesmo”. Essa frase tornou-se um ditado popular e expressa as diversas mudanças ocorridas nos últimos tempos envolta de uma comparação entre épocas e, ao falarmos sobre a relação entre igreja e missão na pós-modernidade, é preciso ter isso em mente.

Vivemos atualmente em uma era pós-metafísica e pós-religiosa. Afinal de contas, *“saímos de um tempo em que era impossível não crer em Deus, passamos por um tempo em que se tornou possível não crer e chegamos, agora, à situação em que, em especial para as elites, se tornou impossível crer”* (Mohler Jr. *apud* Carvalho, 2017, p. 181).

A inércia e a conformidade da Igreja com o levante do humanismo ocidental que culminou no Iluminismo e, posteriormente, na modernidade tardia nos conduziu, por ventos seculares, a pós-cristandade. Agora, os olhos se abriram e percebemos que *“a estrutura de pensamento mudou”* e *“supor que a visão de mundo judaico-cristã ainda ressoa na sociedade é arriscar-se e, com certeza, tornar-se incomunicável e incompreendido”* (Carvalho, 2017, p. 188).

A influência cristã no Ocidente diminuiu, às novas gerações vem se tornando cada vez menos religiosas e menos cristãs e muitos veem a religião como sendo algo ruim por privar o indivíduo de “viver sua plena liberdade” com seus dogmas “retrógrados” e acusam-na de ser um obstáculo para o desenvolvimento social (Keller, 2023).

O grande desafio da Igreja hoje é alcançar pessoas no mundo pós-moderno constituído por *“contextos multiculturais”* que nos expõem a *“múltiplas visões da realidade”*. A verdade bíblica, que antes era inquestionável, agora concorre com diversas outras que se opõem frontalmente a ela e *“reivindicações feitas perante verdades conflitantes confundem as pessoas com relação ao que é considerado moral e agradável a Deus”* (Eswine, 2023, p. 14).

Se antes a compreensão da realidade, o desenvolvimento das relações sociais e a busca pela verdade eram norteadas pela religião, agora ela sequer é considerada por muitos, que entendem não haver mais a necessidade de uma divindade que explique e influencie todos os aspectos da vida humana.

Em resumo, a era da cristandade se foi e o cristianismo deixou de ser a religião do Ocidente e agora já não é visto mais pelas pessoas como o “capelão” da cultura (Stetzer, 2015).

Logo, o mundo todo tornou-se um grande campo missionário, inclusive nações que em um momento anterior da História foram o berço e o impulsionador do cristianismo, e a igreja – agora mais do que nunca – precisa empreender seus esforços em um envolvimento missionário com a cultura sem se esquecer de que o cenário atual é completamente distinto dos tempos em que a religião ainda ocupava um papel central no desenvolvimento da sociedade.

Afinal, *“insistir em uma pregação que só vê as pessoas como almas, e não como seres integrais”* e *“dicotomizar a realidade”* constituirá em um pedido certo para não ser ouvida pelo homem da modernidade tardia (Carvalho, 2017, p. 188).

Para o homem da modernidade tardia, aliás, não basta a mensagem ouvida ser coerente. Às vezes, ele até reconhece a coerência das ideias bíblicas que constituem o argumento central que lhe é apresentado na evangelização. Mas a grande questão colocada é: *“Como o Evangelho pode, realmente, fazer sentido?”*. Em outras palavras, como nossa história pode ter um significado maior e, até mesmo, transcendente a partir de outra que lhe é apresentada como a verdadeira em meio a tantas outras existentes?

Newbiggin responde:

(...) creio que o cristão deva acolher certa medida de pluralidade, mas rejeitar o pluralismo. Podemos e devemos acolher uma sociedade plural porque ela nos dá uma ampla gama de experiências e uma diversidade maior de respostas humanas à experiência e, portanto, oportunidades mais ricas para testar a suficiência da nossa fé do que podemos encontrar numa sociedade monocromática (Newbiggin, 2016, p. 370).

O engajamento missional da Igreja na pós-modernidade, portanto, precisa ouvir a voz do Espírito e, também, ouvir a voz do mundo na medida em que compreende os anseios da cultura distorcidos pela queda e, utilizando símbolos, linguagens e representações culturais, responde a tais anseios sendo, comunicando e praticando as boas novas; alcançando, assim, o coração do homem da modernidade tardia e conectando sua história individual a Grande História que dá sentido a todas as coisas e falando a realidade cotidiana.

Para Timothy Keller:

Em vez de ficarmos aflitos pela perda de influência cultural da igreja na cultura ocidental, esse declínio deve nos levar a fazer um autoexame, a orar e a trabalhar por um novo compromisso missionário com a cultura ocidental. Temos de modelar e proclamar a fé cristã em nossa geração de maneira que ela seja tanto inteligível quanto persuasiva às pessoas ao redor (Keller, 2023, p. 14).

Portanto, o cenário pós-moderno não deve ser encarado pela Igreja com desânimo, e sim como uma excelente oportunidade de reconciliar o mundo e a criação com Cristo tornando o Evangelho compreensível às pessoas demonstrando como ele se comunica a vida ordinária.

3.2 Estrutura e dinâmica de uma Igreja Missional

Uma igreja missional é uma organização institucional orgânica voltada para a mundanidade. Isso significa que a igreja é o lugar onde a vida em comunhão com outras pessoas é fomentada e trabalhada com o propósito de capacitá-las para glorificar a Deus e espalhar o amor de Jesus Cristo ao mundo – nosso campo missionário –, sendo, comunicando e praticando as boas novas em todos os aspectos da vida a fim de sermos luz para as nações por meio de uma consciência e de um agir missional.

Um dos vários efeitos da pós-modernidade foi o declínio da religião institucionalizada e, conseqüentemente, a igreja reunida. Contudo, embora reconheçamos a pertinência de algumas críticas relacionadas a estrutura e ao *modus operandi* de certas igrejas, isso não deve resultar em um abandono da Igreja institucional. Pelo contrário!

Sabemos ser um erro a Igreja voltar toda sua estrutura organizacional e atividades apenas para ações internas visando a manutenção da instituição e da santidade de seus membros. Focar na santidade em detrimento a mundanidade é um equívoco antibíblico e que pode custar muito caro para a Igreja no futuro.

Uma igreja missional compreende a teologia bíblica de sua dupla identidade que é estar no meio mundo buscando a paz e a prosperidade da cidade e, ao mesmo tempo, não se deixar corromper pela cultura idólatra do lugar onde está inserida e denunciar os falsos ídolos.

Compreender essa identidade faz com que a estrutura da igreja missional se destine a ser um meio de salvar o mundo e não um fim em si mesma, e em sua dinâmica ela *“vá a Cristo em adoração e saia por Cristo em missão”* (Stott, 2013, p. 54).

A partir disso, a igreja passará a enfatizar três áreas: missional, ecumênica e vocacional (Goheen; Sheridan, 2024).

Toda igreja deve mobilizar-se para o exercício da tarefa missionária. Todo cristão é chamado para a missão comunicando o Evangelho de Jesus Cristo e fazendo discípulos. A Igreja Missional realiza capacitações – bíblica, teológica e apologética – contínuas aos leigos para que estes articulem o Evangelho em uma sociedade pluralista, partindo de dois princípios fundamentais: fidelidade as Escrituras e sensibilidade para com as pessoas (Stott, 2013).

Outro ponto importante é que a Igreja Missional tem como dinâmica o diálogo interconfessional, permitindo com que a igreja seja “*um corpo unido em lugares particulares para o bem de cada lugar*”, promovendo ou participando de fóruns, discussões e envolvendo-se em atividades junto com outras instituições religiosas e confessionais cooperando para o bem da comunidade e das pessoas que ali estão (Goheen; Sheridan, 2024).

Ademais, a estrutura e liderança da Igreja Missional equipa os leigos para o exercício de seus chamados na esfera pública, pois sabe que qualquer atividade realizada com o objetivo de redimir a criação e a humanidade com Deus é missão. Logo, o exercício de suas vocações, além de glorificar a Deus, é também um empreendimento missionário ao refletir os valores do Reino.

Em seu livro *A Igreja Autêntica*, John Stott faz uma colocação interessante sobre a manifestação do Reino na cultura por meio de um povo que reflete, em todas as áreas da vida, a nova sociedade de Deus:

Supõe-se que a igreja seja a nova sociedade de Deus, a encarnação viva do evangelho, um sinal do reino de Deus, uma demonstração de como é a comunidade humana quando esta fica sob seu governo misericordioso (Stott, 2013, p. 62-63).

Por fim, a estrutura da igreja missional promove pequenos grupos que se reúnem em casas a fim de serem um espaço para: desenvolvimento de líderes leigos, discipulado, promoção de relacionamentos saudáveis, alternativa estratégica visando alcançar não cristãos, e desenvolvimento de uma mentalidade bíblica.

3.3 Comunicação do Evangelho na era digital

Ao longo da história humana, a comunicação – que se iniciou de maneira verbal – passou por grandes mudanças: pergaminho, papiro, papel impresso, telefone, rádio, televisão... Até chegarmos a Era Digital!

Conforme seguia em sua evolução, a comunicação passava a atingir um número ainda maior de pessoas e, agora, ela nos possibilita interagir com pessoas em tempo real. Estas mudanças acabam moldando a linguagem, o comportamento e a cultura; e a dinâmica eclesiológica, evangelística e de

disciplinado também são afetadas por essas transformações, razão pela qual traçaremos algumas considerações a respeito a partir do Status da Grande Comissão produzido pelo Movimento Lausanne, publicado em 2024.

Do ponto de vista eclesiológico, Darrel Bock e Jonas Kurlberg (2024) apresentam cinco configurações de Igrejas na Era Digital:

- **Igreja *online*:** site, e-mail, canais de mídia social e softwares relacionados a administração e que permitem uma eficiência maior na forma como a Igreja se comunica e se organiza;
- **Igreja *transmitida*:** os cultos são transmitidos em plataformas digitais, porém com um engajamento limitado por parte de quem está assistindo;
- **Igreja *interativa*:** os cultos permitem a participação das pessoas via videoconferência e incentiva a participação e a interação;
- **Igreja *híbrida*:** as pessoas podem participar dos cultos tanto presencialmente quanto remotamente, sendo a forma comumente adotada;
- **Igreja *de realidade virtual*:** as pessoas participam da igreja através de ambientes digitais interativos que podem ser acessados por meio de avatares, sendo esse modelo o mais questionado dentre todos os outros.

A Era Digital é uma realidade que se consolidou com a pandemia da Covid-19 e fez com que a Igreja se adaptasse a esse novo cenário e explorasse seus recursos de modo a *“complementar e promover as práticas das igrejas locais”* (Bock; Kurlberg, 2024).

Mas como a Igreja pode fazer uso da tecnologia digital sem que essa comprometa sua dinâmica comunitária, em uma sociedade onde as pessoas estão mais reclusas, se socializam cada vez menos e ficam mais tempo conectadas?

De fato, esse é um grande desafio e, a fim de fazer uso destas ferramentas de maneira consciente e sem comprometer a unidade e a comunhão, cada Igreja deverá levar em consideração o seu contexto e, a partir de uma análise acurada, decidir quais formas digitais se adaptam mais a sua realidade local (Bock; Kurlberg, 2024).

Bock e Kurlberg chamam atenção para a necessidade de discernimento e equilíbrio diante desse cenário digital por parte da Igreja:

Embora a igreja tenha frequentemente adotado esses desenvolvimentos culturais e buscado sua expansão de forma a servir o evangelho, fazer isso de forma que realmente reflita e promova o evangelho de forma substantiva exigirá o desenvolvimento de muitos que tenham experiência para nos ajudar a discernir o que está acontecendo, o que está sendo desenvolvido e o que esses desenvolvimentos podem significar. Inovação sem essa reflexão pode ser contraproducente. No entanto, ignorar a inovação deixará a igreja para trás na forma de alcançar as pessoas quando muitos tipos diferentes de grupos estão se aproximando agressivamente por todos os meios necessários para impactar a forma como as pessoas pensam e vivem (Bock; Kurlberg, 2024).

No entanto, entendemos que a configuração de uma Igreja na Era Digital deve ter como público alvo, apenas, pessoas incapazes de estarem presencialmente nos cultos por motivos de força maior como, por exemplo: motivos de saúde que impedem sua locomoção, viagem ou pessoas que vivem em cidades onde não há igrejas.

Afinal, a Igreja consiste na comunhão física dos santos – o que possibilita o florescimento de virtudes e é parte essencial na formação da nossa identidade cristã – e o ambiente virtual não é capaz de proporcionar uma vida comunitária, um pertencimento real a uma comunidade.

A propósito, não podemos nos esquecer do que diz o salmista: *“Oh! Quão bom e agradável viverem unidos os irmãos”* (Sl. 133:1). É no seio da comunidade cristã, portanto, que somos ensinados e ensinamos, exortamos e somos exortados, aconselhamos e somos aconselhados, perdoamos e somos perdoados, oramos uns pelos outros, nos abraçamos e cantamos juntos. A comunhão terrena (física, presencial, uns com os outros em um mesmo ambiente/espço) é a preparação para o modo como viveremos na Nova Jerusalém: em união!

Do ponto de vista da evangelização, a era digital trouxe inúmeras ferramentas que fazem com que o alcance da proclamação das boas novas seja ainda maior, chegando a pessoas de todos os lugares do mundo através de *notebooks, smartphones, TV's smart* e etc., um método inovador para o cumprimento da *Missio Dei*.

A era da interconectividade que vivemos exigirá da Igreja e dos cristãos a adoção de *“novas estratégias e abordagens no evangelismo digital e presencial, utilizando formas diversas de multimídia, plataformas sociais e tecnologias interativas para comunicar eficazmente a boa nova”* (Henry et. al., 2020).

Isso sem contar a linguagem a ser utilizada para ambos os públicos, que se faz diferente na medida em que o ambiente digital possui seus próprios símbolos, representações e uma dinâmica própria na maneira como a mensagem que se quer transmitir é exposta.

Estas estratégias são essenciais para alcançar os necessitados e os perdidos no mundo moderno. Contudo, a utilização das ferramentas digitais para evangelização requer a observância de seus desafios, tanto internos quanto externos (Henry et. al., 2020).

No âmbito interno, é preciso que a Igreja não tenha como parâmetro de sucesso da evangelização a quantidade de visualizações de um vídeo publicado em alguma plataforma de *streaming* ou rede social. Isso porque, a métrica das visualizações utilizadas por essas plataformas não permite saber se essas pessoas, de fato, foram impactadas pela mensagem e interagiram com o conteúdo. Essa interação pode ser percebida através dos comentários e mensagens, frequência nos cultos presenciais e a inserção delas em uma comunidade – seja física ou digital – (Henry et. al., 2020).

Além disso, outro desafio interno é *“garantir que o evangelismo não ocorra em um vácuo, mas sim em colaboração com igrejas e ministérios capazes de engajar e facilitar conversas com aqueles que buscam a Deus”* (Henry et. al., 2020).

Por fim, há um desafio externo que diz respeito a pessoas que vivem em países governados por regimes totalitários e ditatoriais que não permitem o exercício da liberdade religiosa e monitora, limita ou até suprime o acesso à internet dos cidadãos.

Nesta situação, Desmond Henry, Lisa Pak e Nick Parker afirmam que:

[...] a proclamação digital e o acesso às boas novas podem levar à formação de comunidades de oração, discipulado pessoal e até mesmo à igreja digital em lugares hostis, a fim de explorarem o cristianismo com segurança e anonimato (Henry et. al., 2024).

Portanto, ambas as modalidades de evangelismo (presencial e online) precisam fazer parte da Igreja a fim levar as boas novas a todas as pessoas, inseridas nos mais diversos contextos.

Adiante, passamos a um último ponto acerca das nossas considerações que diz respeito a formação de discípulos na era digital.

Ir a todos os povos do mundo nunca esteve tão fácil. Com o avanço da tecnologia, chegamos alcançamos qualquer lugar e nos comunicamos com pessoas localizadas em qualquer lugar do mundo. Isso potencializa o cumprimento da Grande Comissão (Mateus 28:18-20).

Ao falarmos sobre a relação da Igreja com as novas ferramentas tecnológicas, percebe-se que a utilização delas se dá com um grande enfoque no Evangelismo e no crescimento da Igreja, o que não é ruim. Tais ferramentas, no entanto, dificilmente são utilizadas no discipulado – que é extremamente importante para a consolidação da nossa maturidade cristã e para a formação do caráter de Cristo nas pessoas – deixando-o de lado frente a tais avanços (Benson et. al., 2024).

Os recursos digitais disponíveis atualmente permitem, inclusive:

[...] que os fiéis busquem informações verdadeiras para o crescimento espiritual, construam relacionamentos no espaço digital e participem de atividades religiosas, como estudo da Bíblia, reuniões de oração e cultos, independentemente do tempo e da geografia (Benson et. al., 2024).

A utilização das ferramentas digitais para o discipulado deve reforçar a vida e a *práxis* comunitária – que é indispensável – e demonstrar como a nossa identidade está inserida dentro de uma história maior.

Com o avanço da Inteligência Artificial (IA), que tem automatizado cada vez mais as atividades desempenhadas pelos seres humanos e que promete retirar o trabalho de mais de 300 milhões de pessoas – sendo o trabalho um aspecto importante acerca do senso de pertencimento humano –, e também a meta-identidade promovida pelo mundo virtual por meio de perfis, avatares e etc., é importante haver um espaço formativo onde a identidade cristã é desenvolvida e encarnada, e a tecnologia pode ser utilizada como uma excelente alternativa nesse sentido (Benson et. al., 2024).

A Igreja não pode, entretanto, abrir mão de seu papel curador no que tange a análise de quais recursos digitais deverão ser utilizados para esse disciplinado formativo sem que estes comprometam àqueles que caminham com Cristo (Benson et. al., 2024).

3.4 Engajamento cultural e social

“*No princípio, Deus criou os céus e a terra.*” Logo em sua primeira afirmação, a Bíblia revela a nós algo revolucionário: Deus é criador! Ele criou todas as coisas *ex nihilo* e, pelo poder da sua palavra, trouxe tudo a existência. YHWH é o Grande Artista, e sua arte está exposta em toda a criação de modo que podemos contemplar o belo a partir de suas formas, cores, movimentos e dinâmicas.

Dentre toda sua vasta produção cultural, uma obra se destaca: a humanidade, criada a imagem e semelhança do Criador, que comunicou a ela vários de seus atributos e, entre elas, a capacidade criativa de desenvolver cultura a partir do pano de fundo da criação para glorificá-lo em todos os aspectos da vida humana.

Assim, somos seres culturais porquê viemos de um Deus cultural, e cada vez que desenvolvemos algo bom glorificamos ao Senhor, que é a beleza em sua totalidade.

Infelizmente, a Queda acabou afetando quem somos e, também, a forma como produzimos, enxergamos e nos relacionamos com a cultura. Agora, temos a tendência de “*nos curvar aos ídolos e encontrar impulsos distorcidos em vez de nos aproximarmos da verdadeira fonte da imaginação e da criatividade*” (Fujimura, 2022, p. 19).

Hoje, inclusive, vivemos em meio a uma guerra cultural onde o *status* e o papel da cultura são questionados principalmente pelas universidades. Para Roger Scruton, estamos vivendo um período onde “*a cultura já não é considerada um bem humano, nem sequer é entendida como uma forma distinta de consciência*” (Scruton, 2024, p. 60).

Mas por que a cultura importa? Scruton responde e externa uma grande preocupação:

[...] uma sociedade sem cultura perde a memória e perde também o desejo de se imortalizar em monumentos duradouros. Muito em breve, a barbárie assume o controle e a sociedade é varrida da face da terra. O que é interessante na nossa situação é que temos os meios tecnológicos para sustentar a nossa sociedade para além do momento em que ela poderá perder todo o sentido interno do seu valor e, portanto, perder a capacidade de se sustentar a partir do seu próprio reservatório inerente de fé (Scruton, 2024, p. 72).

E por que devemos nos engajar culturalmente? Porque o legado judaico-cristão influenciou a construção e o desenvolvimento da cultura ocidental: literatura, ciência, artes e etc. e vivemos até hoje dessa influência, mesmo com as inúmeras tentativas de afastamento desses reflexos cristãos na cultura (Scruton, 2024).

E como realizar um engajamento com a cultura que aponte para a bondade, beleza e verdade de Deus? Participando da vida aqui e agora, inserindo-se na cultura independente do ambiente cultural ser ou não hostil aos valores cristãos.

Rookmaaker faz uma observação importante a respeito disso:

O artista não pode esperar (na realidade, ninguém pode) o mundo ser renovado, a crise ser solucionada e os novos princípios culturais serem desenvolvidos. Temos de participar da vida agora. De fato, o artista pode até estar em uma posição mais difícil, pois o espírito do anticristianismo, da desumanização e do desespero prevalece desde a vanguarda das artes. Porém, talvez ainda reste algo das antigas tradições que possa ser usado como ponto de partida. Contudo, esse algo precisa receber um novo fundamento, para que seja uma realidade viva, não apenas uma tradição (Rookmaaker, 2010, p. 24).

Além disso, o engajamento com a cultura precisa partir do princípio de que aquele que se engaja não precisa, necessariamente, comprometer o seu trabalho cultural com um evangelismo expresso e perceptível, pois isso implicaria comprometer sua atividade. O cristão pode glorificar a Deus utilizando os dons e talentos que recebeu do Senhor para produzir cultura, ainda que essa cultura não revele expressamente valores cristãos (Rookmaaker, 2010).

Do contrário, pensar a produção de cultura apenas a cristãos é reduzir seu alcance e delimita-la a um único grupo consumidor de pessoas. A boa cultura rompe fronteiras e atinge grupos diversos expressando aquilo que é bom, belo e verdadeiro para a glória de Deus.

Ciente disso, a Igreja Missional se envolve com a cultura preparando seus membros para a vida além de seus muros, capacitando-os para um engajamento cultural com um cerne missionário e orando para que o trabalho cultural que realizam aponte a beleza que expressa a verdade redentora de Cristo.

No que tange ao engajamento social, quando olhamos para a Igreja de Jerusalém no séc. I, vemos que os primeiros cristãos eram comprometidos não apenas com o cuidado entre eles, mas também com o serviço a comunidade cuidando dos órfãos, das viúvas, dos idosos e dando um tratamento digno aos corpos dos mortos ao sepulta-los.

Esse comportamento era algo tão diferente para aqueles dias que isso acabava atraindo outras pessoas que passavam a integrar aquela comunidade de cristãos, sendo acrescentadas por Deus.

O ministério de Jesus tem como uma de suas marcas principais seu engajamento social. Afinal, Cristo relacionava-se com pessoas das mais variadas faixas etárias, classes sociais, etnias e níveis educacionais, interagindo com elas e demonstrando – em suas palavras, ações, curas e milagres – a redenção, a inauguração e consumação futura do Reino no tempo em que esteve encarnado entre os homens.

Cristo alimentou multidões, curou pessoas – alguns trazendo de volta a vida, inclusive – e no Sermão do Monte chamou a atenção de seus discípulos e seguidores para que estes fossem pacificadores, misericordiosos, buscassem a justiça divina e cuidassem dos necessitados como forma de tornar visível o amor a Deus e o antegosto da Nova Jerusalém.

O serviço e a misericórdia são ferramentas poderosas para a criação de relacionamentos que podem resultar em oportunidades de proclamar o Evangelho, e uma igreja missional entende que isso também é um empreendimento missionário para o qual foi chamada.

Ed Stetzer e Sérgio Queiroz dizem mais a respeito disso:

[...] as igrejas transformacionais entendem o chamado de Deus para servir ao pobre e ao ferido e não têm medo de um envolvimento forte com a justiça social. [...] o envolvimento social implica envolvimento relacional, e este implica oportunidades de compartilhar o evangelho (Stetzer; Queiroz, 2017 p. 71).

Nessa mesma linha, John Stott é taxativo ao dizer que *“tentar melhorar a sociedade não é mundanismo, mas amor. Lavar as mãos diante da sociedade não é amor, mas mundanismo”* (Stott, 2008 p. 59).

A promoção da justiça social por parte da Igreja, contudo, não pode ser encarado como a via pela qual transformamos a Terra no Céu, e sim glorificar a Deus demonstrando, na terra daqui a terra do céu aguardada por todos aqueles que amam a vinda futura de Jesus.

Ademais, o engajamento social também se dá participando ativamente da arena pública, apresentando, por meio do diálogo e de uma profunda reflexão, possíveis alternativas para solucionar os grandes desafios enfrentados pela sociedade.

Em uma sociedade pluralista, a capacidade de dialogar com aqueles que pensam diferente é essencial, e uma postura belicosa não agregará em nada ao debate público. É preciso confrontar as estruturas de plausibilidade que se levantam contra o Evangelho e estão engendradas em diversas esferas da sociedade sem deixar de lado o tom compassivo e amoroso nessa resposta.

Davi Lago em sua obra *Brasil Polifônico* chama atenção para o fato de que *“se permanecermos propagando disparates na arena pública nacional, as coisas não vão melhorar”*. Por isso a reflexão se faz necessária e, infelizmente, nos últimos anos temos visto uma parte considerável da Igreja brasileira disseminando Fake News e deixando de ser uma voz profética e transformando púlpitos em palanques cedendo-os a atores político-partidários e amplificando esses discursos visando usufruir uma parcela do poder em um potencial governo futuro (Lago, 2018, p. 161).

Afinal, o Evangelho não pertence a esquerda, nem a direita, nem a qualquer outra ideologia política; pois todas essas ideologias trazem consigo uma esperança “escatológica” que fomentam tais visões e ilusões políticas e que não são capazes de se concretizarem.

Não podemos perder de vista o papel da Igreja em seu encontro missionário com a cultura. Ao mesmo tempo que ela trabalha em prol do desenvolvimento da sociedade e do bem comum, ela também se posiciona denunciando a idolatria que permeia a cultura a partir de uma linguagem cognoscível a todos.

3.5 Desafios culturais e práticas missionais

O legado judaico-cristão que constitui as bases da cultura ocidental tem sido constantemente atacado por meio de diversas cosmovisões que visam afastar essa influência e potencializar a liberdade do sujeito: o pós-modernismo, o socioconstrutivismo, o feminismo radical, o relativismo moral e cultural, o politicamente correto, a cultura da ofensa e da vitimização perpétuas, políticas identitárias somadas à autoflagelação progressista e etc. (Saad, 2021).

De acordo com Gad Saad, tais cosmovisões visam suprimir a liberdade de expressão daqueles que se opõem a elas, impedindo, assim, que tenham voz no espaço público a fim de tornarem-se dominantes e distanciar o Ocidente de seu *ethos*, sendo a religião uma dessas vozes a serem silenciadas por meio da cultura do cancelamento:

Em última análise, qualquer tentativa de limitar o que os indivíduos podem ou não pensar ou dizer enfraquece o *ethos* definidor do Ocidente, isto é, o seu compromisso irrestrito com a busca da verdade, livre das amarras do patrulhamento do pensamento (Saad, 2021, p. 31).

Isso significa que vivemos em uma cultura Woke, ou seja, uma cultura que impõe *“uma mudança sobre todo entendimento ocidental acerca da moral, do ser humano e da sociedade”* (Ribeiro, 2021, p. 7).

As principais plataformas utilizadas pela cultura Woke para impor essa nova forma de “compreender” a realidade são as universidades, os meios de comunicação, as artes e as redes sociais.

O que se vê, atualmente, são inúmeras tentativas de redefinir o ser humano (o gênero como construção social), a sociedade (o alcance da equidade por meio da destruição da ordem social e econômica), a moral (fluidez da moral por ser ela fruto de imposição política) e, até mesmo, a linguagem (utilização de pronomes neutros); colocando a verdade em xeque e levando pessoas a lançarem-se em uma busca por um novo “despertar” (Ribeiro, 2021).

Tudo isso é reflexo do detrimento da *mimesis* pela *poiesis*, duas formas distintas de enxergar a realidade. Para Carl Trueman, a *mimesis* reconhece que o mundo possui uma ordem e um significado, ao passo que a *poiesis* enxerga o

mundo como sendo uma matéria-prima onde o propósito e o significado do mundo são criados pelo próprio indivíduo (Trueman, 2024).

Trueman destaca que o modo poético se mostra extremamente problemático, pois “à medida que a sociedade se move de uma visão do mundo como possuidor de um significado intrínseco, ela também se afasta de uma visão da humanidade como tendo um fim determinado e específico” (Trueman, 2024, p. 35).

Somado a isso, está o fato de vivermos em uma era que Byung-Chul Han chamará de pós-narrativa, em que a sociedade deixa de lado a narração como sendo essencial para a compreensão do ser humano.

A crise da narração se dá a partir do momento em que as narrativas, que atribuíam sentido abrangente ao ser e nos dava o sentimento de estarmos inseridos no mundo, são substituídas pelo *storytelling*, isto é, retirando das pessoas qualquer senso de pertencimento e sentido ao torna-las consumidoras digitais que passam horas na frente das telas consumindo micro informações, descolando-as da realidade presente (Han, 2023).

As narrações se diferem das informações na medida em que, enquanto as narrações constroem comunidades, as *storytellings* formam consumidores ao venderem narrativas e emoções. Além disso, a informação não tem o compromisso de apresentar algum sentido, ao contrário da narração que produz uma história, uma continuidade temporal, uma direção (Han, 2023).

Han aprofunda mais nesse ponto:

Hoje, narramos cada vez menos histórias uns aos outros na nossa vida cotidiana. A comunicação transformada em troca de informações faz desaparecer a narração de histórias. Também quase não há histórias sendo contadas nas plataformas sociais. Histórias conectam pessoas umas com as outras, na medida em que fomentam a capacidade de empatia. Elas criam uma comunidade. A perda da empatia na era do smartphone é um sinal eloquente de que ele não é um meio de narração. Seu próprio dispositivo técnico dificulta a narração de histórias. O ato de digitar ou deslizar não é um gesto narrativo. O smartphone permite apenas uma troca acelerada de informações. Além disso, a narração pressupõe escuta e uma atenção profunda. A comunidade narrativa é uma comunidade de ouvintes atentos. Estamos, contudo, visivelmente perdendo a paciência para estar à escuta e a paciência para narrar (Han, 2023, p. 11).

Diante desse cenário, como a Igreja pode ser uma resposta a era pós-moderna e secular, marcada pela crise narrativa e pela ascensão da cultura

Woke e do self moderno, reconquistando o mundo para Cristo? Embora a realidade atual pareça desanimadora, há algumas alternativas para superarmos estes desafios.

Em primeiro lugar, precisamos recuperar o método pedagógico que Jesus utilizava para comunicar as verdades do Reino as pessoas: contar histórias conectando seu público e seus anseios a elas e apresentando um caminho para um saber viver em meio ao caos do mundo. Sejamos criativos, como Cristo.

Israel Gomes afirma que *“somos moldados pelas histórias que contamos e passamos a contar histórias para fazer do mundo um lugar melhor, para ajudar pessoas a viver”* e fazemos isso *“impulsionados pela narrativa do evangelho”* (Gomes, 2021, p. 171).

N. T. Wright destaca o poder das histórias:

Uma história conhecida contada por um ângulo estimula as pessoas a pensar de um modo diferente sobre si mesmas e sobre o mundo. Uma história contada com emoção, humor ou drama dá asas à imaginação e convida o leitor ou o ouvinte a se imaginar em situações parecidas, propiciando novas descobertas sobre Deus e sobre os seres humanos, o que acaba capacitando essa pessoa a organizar sua vida de um modo mais sábio (Wright, 2021, p. 39-40).

Logo, devemos conectar o cristianismo a todas as áreas da vida por se tratar de uma metanarrativa abrangente e que confere sentido a toda existência humana – aliás, comunica o verdadeiro sentido da vida – (Han, 2023).

É preciso comunicar o evangelho na experiência da vida, apresentando-o como o caminho onde calcamos os nossos pés e percorremos a estrada que nos leva em direção a fé, ao amor e a esperança.

Valdir Steuernagel nos conduz a uma reflexão muito importante:

Precisamos reconhecer que somos fruto de uma escola que priorizou o “saber acadêmico” e desprezou a convivência. Que queria conteúdo e não priorizou as emoções. Que, por achar que teologia era uma questão de cabeça, não deu importância para os pés, com o seu deslocamento e suas opções direcionais de vida. Também o coração, com seus mil e um sentimentos e relações e suas mil e duas bifurcações, não só olhando de soslaio, mas foi solenemente deixado de lado (Steuernagel *apud* Gomes, 2021, p. 171).

Isso só será possível se a maneira como nós comunicamos as boas novas conectar Deus a realidade da vida e tornar evidente:

[...] que o movimento de Deus é vir ao encontro do humano na vida, com suas ambiguidades e complexidades, em meio à sua angústia existencial, com a oferta de uma história que nos reconcilia com ele e, assim, nos devolve à vida e nos dá um sentido pelo qual viver (Gomes, 2021, p. 171-172).

Afinal, a Bíblia nos apresenta a verdadeira história da humanidade e não há como entendermos de fato quem somos desacoplando nossa história da história maior. Por essa razão, devemos compartilhar com as pessoas a História de Deus e demonstrar como Cristo resolve os problemas do coração humano.

Entendendo isso, a arte da narrativa deve ser resgatada e aplicada dentro de uma dinâmica evangelística pós-cristã, sendo esse o nosso segundo ponto a ser destacado.

Estamos em uma era em que as pessoas carecem de bases religiosas e de narrativas que tem colocado o Evangelho como sendo uma religião opressora e que suprime a liberdade do sujeito; exigindo, assim, uma nova abordagem evangelística (Keller, 2023). Como construir pontes que podem viabilizar o acesso ao coração do homem pós-moderno?

Inicialmente, amando as pessoas e relacionando-se com elas. Todo cristão deve ser equipado pela Igreja para desenvolver amizades com pessoas não cristãs a fim de construir com elas uma base relacional que permitirá com que, no momento certo, elas comuniquem o Evangelho. Não cristãos podem ser resistentes em ouvir o discurso de um líder religioso, mas, provavelmente, ouvirão o amigo cristão com quem já possui uma relação. A Igreja Missional é marcada por uma intencionalidade missionária de todos os membros (Keller, 2023).

Posteriormente, é preciso saber como as pessoas pensam sobre as grandes questões da vida – Deus, Ética, Morte, Liberdade e etc. – a fim de identificar a cosmovisão que adotam e norteiam a forma como interpretam e interagem com a realidade da vida.

Isso significa dizer que *“devemos ajudar os não cristãos a entender que seus anseios e necessidades permanentes por tudo isso são, na verdade, reflexos de sua necessidade de Deus”* (Keller, 2023, p. 27-28).

Podemos ser indagados por essas pessoas sobre a razão da nossa fé e, por isso, precisamos responder com convicção as objeções ao Evangelho que

forem dirigidas a nós, sempre com humildade e respeito e demonstrando como o Evangelho é a boa notícia frente as más notícias (Keller, 2023).

Isso corrobora a exortação do apóstolo Pedro para estarmos preparados, a qualquer tempo, para respondermos qualquer pessoa que peça a razão da esperança que habita em nós (1ª Pe. 3:15).

Um terceiro ponto a ser destacado em uma prática missionária no Ocidente diz respeito a necessidade de realizarmos o que Keller chama de contracatequese cultural, somada a uma catequese.

Basicamente, esse movimento de catequese-contracatequese consiste em utilizarmos as Escrituras tanto para desconstruir os ídolos da cultura quanto para responder as perguntas formuladas pelo coração humano e que a cultura não responde (Keller, 2023).

É importante lembrarmos que as narrativas seculares possuem algum nível de verdade. Contudo, é preciso criticá-las mostrando em que elas falham e apontar como Cristo as responde apontando para seu cumprimento correto (Keller, 2023).

Grupos de estudos em universidades - e, também, com jovens prestes a ingressarem nela - e produções acadêmicas se revelam extremamente importantes nesse sentido ao apresentar-lhes uma apologética cultural capaz de demonstrar como Deus dá sentido a toda realidade existente, em uma contraposição as demais narrativas culturais que desafiam a cosmovisão cristã.

Por fim, o último ponto diz respeito a realização de ações de misericórdia em prol da comunidade através da mobilização de voluntários para oferecer vários serviços como: reforço escolar, aulas de artes (música, dança, teatro, pintura) e esportes, cuidados estéticos (limpeza de pele, corte de cabelo, manicure e pedicure por ex.), consultas médicas gratuitas para uma avaliação inicial (aferir pressão, batimentos cardíacos, cuidar de ferimentos e etc.), aulas de artesanato, capelania nas escolas, distribuição de cestas básicas para famílias carentes, cursos profissionalizantes, palestras, entre outros.

Além disso, sabendo que a cosmovisão transforma realidades, é importante promover espaços abertos de diálogo e escuta atenta a fim de conhecer o modo como as pessoas compreendem a si próprias e, em seguida, demonstrar a elas como suas histórias e identidades individuais se relacionam com a Grande História, levando-as a entenderem a estrutura e a direção

criacional de Deus acerca de áreas como: identidade, casamento, família, sexualidade, vocação e etc; gerando uma mudança de mentalidade e de comportamento.

Isso proporciona um testemunho pessoal e comunitário, sendo uma ferramenta importante de evangelização ao demonstrar a preocupação com as pessoas e com a comunidade como um todo, atraindo-as para Jesus por meio do amor expressado em atos de serviço e compaixão, o evangelho da toalha e da bacia.

A adoção destas práticas ajudará a Igreja na criação de oportunidades de comunicar o evangelho em uma era secular e pós-moderna e reconquistar o mundo para Cristo servindo a Palavra e as pessoas pelo poder do Espírito Santo, que nos capacita para a missão emponderando-nos para que nossas palavras e ações sejam acompanhadas pela manifestação do poder e da glória de Deus sobre todo o mundo, multiplicando adoradores em todas as partes, por intermédio de um testemunho vivo e missional.

CONCLUSÃO

Não existe Igreja sem missão. E por que? Porque a missão é o fio condutor do *Teodrama*. O engajamento missionário foi determinante para o desenvolvimento e expansão do cristianismo, não se deixando abater pela perseguição atroz de seus perseguidores em seu começo.

Ao nos referirmos a engajamento missionário, não estamos limitando-o a pregação do Evangelho, pois abarca também o modo com as pessoas serviam suas comunidades, entendendo, assim, o seu papel como sacerdotes que atuavam como mediadores das bênçãos de Deus para todos os povos.

O presente trabalho se desenvolveu a partir de uma pergunta central: como ser uma igreja missional em uma era pós-moderna, em que a verdade é reduzida a expressão da subjetividade do sujeito e não mais como algo concreto, absoluto e que pode ser conhecido; e secular, na tentativa de afastar a religião do espaço público propagando a ideia de que o racionalismo e o método científico afastam a necessidade de qualquer argumento transcendente para explicar as coisas da realidade?

Para isso, procuramos apresentar o conceito e as características básicas da pós-modernidade e a secularização e demonstrar, na sequência, como elas impactaram a sociedade, a cultura e, principalmente, a religião.

É importante salientar, mais uma vez, que embora a religião institucionalizada tenha entrado em declínio – principalmente na Europa e na América do Norte –, a humanidade não deixou de ser religiosa. Até porque, o homem é religioso por natureza e, portanto, está sempre em busca de um sentido transcendental. O que se vê agora são novas expressões da espiritualidade que tentam levar o indivíduo a compreender sua vida, história e identidade a partir de si próprio e com foco completo na vida terrena.

A situação que vivemos hoje é reflexo de séculos marcados por uma percepção limitada acerca da Missão e pelo abandono da Igreja de sua natureza missionária, que só começou a ser revista a partir do início do Séc. XX, principalmente pelas conferências do Conselho Missionário Internacional realizadas em Tambaram (1938) e Willingen (1952), com destaque também para o I Congresso Internacional de Lausanne (1974).

Desde então, o tema da missão tem sido pensado e trabalhado por diversos teólogos, sobretudo a partir da metanarrativa bíblica, e a Igreja retomou o seu papel nas atividades de engajamento missionário, percebendo que, agora, o Ocidente tornou-se um campo missionário que necessita do Evangelho tanto quanto o restante do mundo.

A tarefa missional da Igreja no mundo contemporâneo tornou-se um grande desafio, na medida em que a pós-cristandade procura destruir o legado judaico-cristão, responsável pelo desenvolvimento da cultura, através das inúmeras narrativas que confrontam o Evangelho.

Contudo, esse desafio não deve nos assustar. Pelo contrário! Essa é uma excelente oportunidade para a Igreja voltar sua atenção para o mundo e partir para um engajamento missional com a cultura. Isso implica aproximar-se dela, contribuindo para a paz e para a prosperidade da cidade, e, ao mesmo tempo, denunciar os ídolos da cultura que levam as pessoas a uma percepção equivocada da realidade criada por Deus.

A missão da Igreja na era secular consiste em tornar o Evangelho compreensível ao homem da modernidade tardia demonstrando como ele responde as grandes questões contemporâneas e as angústias do coração

humano. Além disso, a missão da Igreja consiste em capacitar os cristãos para uma participação missional ativa por meio da pregação das boas novas, da defesa da fé, do exercício de suas atividades (profissionais, acadêmicas, culturais e etc.) e de ações de misericórdia e serviço.

Isso só é possível a partir de estruturas organizacionais e dinâmicas em suas atividades internas que permitam o florescimento de virtudes espirituais, morais e intelectuais e sua transcendência para além dos muros da Igreja, pois missão se faz estando no meio do mundo como filhos da luz.

O Reino de Deus já chegou. Mas, enquanto ele ainda não está consumado, o papel da Igreja é ser uma comunidade escatológica que vive dentro da sociedade apontando para a nova criação, e isso se dá a partir das palavras e ações do povo de Deus em todos os aspectos da vida, encenando a Grande História em seus contextos e demonstrando que os anseios do coração são satisfeitos, apenas, em Cristo. Ele é o único que sacia a fome, a sede, e o desejo humano em movimento.

Portanto, a Igreja Missional deve assumir um compromisso integral em sua participação na Missão de Deus, e isso envolve não apenas responsabilidades no âmbito espiritual, mas, também, na esfera pública, sendo luz em meio a corrupção e a depravação do pecado, impedindo a continuidade da deterioração do mundo e demonstrando a verdade e os valores do Reino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida** / Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BENSON, Dave; EDWARDS, Natasha; JUN, Guichun; NAPPIER, Eva. **Discipulado em uma Era Digital**. [S.l.], 2024. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/report/como-e-o-ministerio-na-era-digital/discipulado-em-uma-era-digital>. Acesso em: 24 jun. 2025.

BERGER, Peter L. **A Dessecularização do mundo: uma visão global**. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro. Instituto de Estudos da Religião, Vol. 1, n.

1. 2001. p. 9-23. Disponível em: <https://religioesociedade.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Religiao-e-Sociedade-N21.01-2001.pdf>. Acesso em 22 maio. 2025.

BIBO, Rodrigo. **Como se tornar um cristão inútil** / Rodrigo Bibo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2025.

BLAUW, Johannes. **A Natureza Missionária da Igreja: exame da teologia bíblica da missão** / Johannes Blauw; tradução de Jovelino Pereira Ramos. - São Paulo: Editora Aste, 1966.

BOCK, Darrell; KURLBERG, Jonas. **Formas de Igreja em uma Era Digital**. [S.l.], 2024. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/report/como-e-o-ministerio-na-era-digital/formas-de-igreja-na-era-digital>. Acesso em: 24 jun. 2025.

BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão** / David J. Bosch; tradução de Geraldo Korndorfer; Luís M. Sander – São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002.

BRANDÃO, Sebastião Hugo. **Religião na pós-modernidade**. Revista Ciências da Religião – História e Sociedade, [S. l.], v. 14, n. 1, 2017. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/8088>. Acesso em 30 maio. 2025.

BRITO, Rennan. **Homo religiosus: razões de um coração em busca de sentido**. Editora Viseu, 2024.

CARVALHO, César Moisés. **Pentecostalismo e Pós-Modernidade: quando a experiência sobrepõe-se a Teologia**. – 1ª. ed. – Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2017.

CONGRESSO BRASILEIRO DE EVANGELIZAÇÃO. **A Missão da Igreja no Mundo de Hoje: as principais palestras do Congresso Internacional de**

Evangelização Mundial realizado em Lausanne, Suíça. Tradução de José Gabriel Said. Revisão de Milton A. Andrade. 3. ed. Viçosa, MG: ABU Editora; São Paulo: Visão Mundial, 1989.

COX, Harvey. **La ciudad secular: como una teologia comprometida llega a convertirse en politica.** Barcelona: Ed. Península, 1968.

ESWINE, Zack. **Pregação na pós-modernidade: como ser bíblicamente fiel e culturalmente relevante** / Zack Eswine; tradução Maiza Ritomy, Gabriel Lago. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pro Nobis Editora, 2023.

FIGUEIRA, Adriana Barata dos Santos. **A espiritualidade na contemporaneidade: uma busca do homem mergulhado em sua subjetividade.** 2014. 95 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2014.

FUJIMURA, Makoto. **Arte e Fé: uma teologia do criar** / Makoto Fujimura; tradução Rodolfo Amorim. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade** / Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: luz para as nações** / Michael W. Goheen, tradução de Ingrid Neufeld de Lima. – São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOHEEN, Michael W. **A missão da igreja hoje: a Bíblia, a história e as questões contemporâneas** / Michael W. Goheen, tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. – Viçosa: Ultimato, 2019.

GOHEEN, Michael W. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea** / Michael W. Goheen e Craig G. Bartholomew; tradução de Márcio Loureiro Redondo. – São Paulo: Vida Nova, 2016.

GOHEEN, Michael W; SHERIDAN, Timothy M. **Tornando-se uma igreja missional: Lesslie Newbigin e o movimento contemporâneo da igreja** / Timothy M. Sheridan, Michael Goheen; [tradução Lourenço Stelio Rega]. – 1. ed. – São Paulo: Editora Vida, 2024.

GOMES, Israel Mazzacoratti. **A guardiã do tempo: o papel da narrativa na comunicação do evangelho**. 2021. 211 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2021.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo** / Stanley J. Grenz; I tradução Antivan Guimarães Mendes I. – São Paulo: Vida Nova, 1997.

GUINNESS, Os. **A grande busca pelo sentido da vida** / Os Guinness; tradução Cláudia Santana Martins. – 1. ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Mill; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração** / Byung-Chul Han; tradução de Daniel Guilhermino. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

HENRY, Desmond; PAK, Lisa; PARKER, Nick. **Evangelismo de Proclamação em uma Era Digital**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/report/como-e-o-ministerio-na-era-digital/evangelismo-de-proclamacao-em-uma-era-digital>. Acesso em: 24 jun. 2025.

KELLER, Timothy. **Como reconquistar o Ocidente para Cristo: 6 pontos fundamentais sobre missões no mundo de hoje** / Timothy Keller; coordenação Fabiano Silveira Medeiros; tradução City to City Brasil. – 1. Ed. – São Paulo: Heziom, 2023.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho** / Timothy Keller, tradução de Eulíia P. Kregness – São Paulo: Vida Nova, 2014.

KELLER, Timothy. **Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo** / Timothy Keller; tradução de A. G. Mendes. - São Paulo: Vida Nova, 2017.

LAGO, Davi. **Brasil polifônico: os evangélicos e as estruturas de poder** / Davi Lago. – 1. Ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos** / Gilles Lipovetsky; tradução Mário Vilela, - São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna** / Jean-François Lyotard; tradução: Ricardo Corrêa Barbosa; posfácio: Silvano Santiago – 12ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MACHADO, Joana Maria. **A secularização da sociedade moderna e o declínio da religiosidade: explorando as tendências contemporâneas**. Revista Foco, [S.l.], v. 18, n. 1, p. e7193, 2025. DOI: 10.54751/revistafoco.v18n1-062. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/7193>. Acesso em: 29 maio. 2025.

MCLAUGHLIN, Rebecca. **Cristianismo à prova** / Rebecca McLaughlin; tradução Paulo Nishihara. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024.

MENEZES, Jonathan. **O sentido da vida no cenário da espiritualidade contemporânea**. Disponível em: <https://praxismissional.com.br/o-sentido-da-vida-no-cenario-da-espiritualidade-contemporanea-por-jonathan-menezes/>. Acesso em: 02 jun. 2025.

NEWBIGIN, Lesslie. **O Evangelho em uma sociedade pluralista** / Lesslie Newbigin; tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. – 1. ed. Viçosa: Ultimato, 2016.

OLIVEIRA, Renato Almeida de. **A secularização moderna e as perspectivas filosóficas do reavivamento do fenômeno religioso na contemporaneidade.** Trilhas Filosóficas, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 107-123, 2023. DOI: 10.25244/tf.v16i1.5493. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RTF/article/view/5493>. Acesso em 21 maio. 2025.

RIBEIRO, Braulia. **Wokismo e a destruição das bases morais e sociais do Ocidente.** – São Paulo: Trinitas, 2021.

RODRIGUES, Lincoln Almeida. **A narrativa bíblica e a construção de uma comunidade missional.** *Revista Teológica Jonathan Edwards*, Caruaru, v. 3, n. 2, p. 70-79, set. 2023. Disponível em: https://www.stjedwards.com/files/ugd/aab8fd_315c433fb3c54c0ab4e9eff7e3074278.pdf. Acesso em: 23 jun. 2025.

ROOKMAAKER, Henderik R. **A arte não precisa de justificativa** / Henderik R. Rookmaaker; tradução de Fernando Guarany Jr. – Viçosa: Ultimato; 2010.

SAAD, Gad. **A Mente Parasita** / Gad Saad; tradução: Júlia Ramalho. – São Paulo: Trinitas, 2021.

SCRUTON, Roger. **A Cultura Importa: fé e sentimento em um mundo sitiado.** – São Paulo: LVM Editora; 2024.

SMITH, James K. A. **Você é aquilo que ama: o poder espiritual do hábito** / James K. A. Smith; tradução de James Reis. – São Paulo: Vida Nova; 2017.

STETZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. **Igrejas que transformam o Brasil: sinais de um movimento revolucionário e inspirador** / Ed Stetzer, Sérgio Queiroz. – 1. ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

STETZER, Ed. **Plantando igrejas missionais: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura** / Ed Stetzer; tradução de A. G. Mendes. – São Paulo: Vida Nova, 2015.

STOTT, John R. W. **A Igreja autêntica** / John R. W. Stott; [tradução Lucy Hiromi Kono Yamakami]. – 1. Ed. – Viçosa, MG: Editora Ultimato; São Paulo: ABU Editora, 2013.

STOTT, John R. W. **A mensagem do Sermão do Monte: Contracultura Cristã** / John R. W. Stott; [tradução Yolanda M. Krievin]. – 3. Ed. – São Paulo: ABU Editora, 2008.

TAYLOR, Charles. **A secular age**. Harvard University Press, 2007.

TRUEMAN, Carl. **Ascensão e triunfo do self moderno** / Carl Trueman; tradutor Rodolfo Amorim de Souza. – São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

VANHOOZER, Kevin J. **O drama da doutrina: uma abordagem canônico-linguística da teologia cristã** / Kevin J. Vanhoozer; tradução de Daniel de Oliveira - São Paulo: Vida Nova; 2017.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna** / Gianni Vattimo; tradução Eduardo Brandão. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja** / Christopher J. H. Wright; tradução Waléria Coicev. -- São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012.

WRIGHT, N. T. **As Escrituras e a Autoridade de Deus: como ler a Bíblia hoje** / N. T. Wright; tradução de Maurício Bezerra. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.